
CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Felicidade e Célio Sarmento da Silva – CONDIR NORTE

Jane e José Domingos Liuth – CONDIR SUDESTE

Lenir e Silvano Barbosa de Souza – CONDIR SUL

Maria do Rosário e Felipe de Castro Figueiredo – CONDIR NORDESTE

Zilda e Dorvalino Marcon – CONDIR CENTRO-OESTE

Rosana e Rubens Carvalho – COORDENAÇÃO NACIONAL

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Ailton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

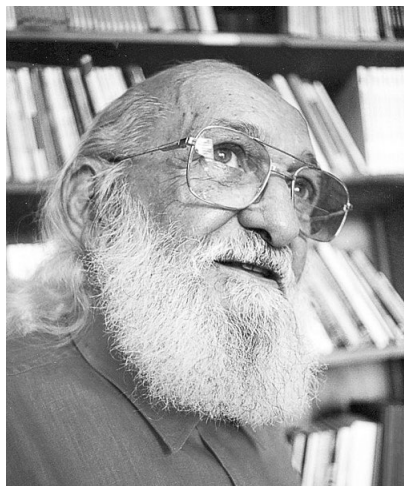
Biografias que marcaram a Humanidade - 4	Conversas com Paulo Freire (IV) - 32
Paulo Freire	Ensinar exige querer bem aos educandos
Educação e superproteção - 7	O Dia dos Avós na Floresta - 35
Jorge La Rosa	Solange Castellano Fernandes Monteiro
Ocaso da tradição - 10	Seção Saúde Integral
O clima como bem comum - 12	Bebidas para o Intestino - 38
Empatia e compreensão... - 15	Filosofia em Comum - 41
Conversas com Paulo Freire (I)... - 17	A vida é uma mestra - 43
Desigualdade planetária - 19	Amazonizar as famílias - 45
Oito perguntas para acabar com suas preocupações - 21	Antônio Carlos, Tânia, Solange e Ailton
Conversas com Paulo Freire (II)... - 23	Homenagem a Hans Küng - 54
Povo e Cultura	Alino Lorenzon
O pior está ainda por chegar... - 24	Minha avó e seus mistérios - 55
Conversas com Paulo Freire (III)... - 27	Reflexões sobre a 7a Arte - 57
Teoria e prática na ação cultural e política	Lições extraídas das vitórias e derrotas no esporte... - 62
O caminho do Autoconhecimento - 29	Jorge Leão
A linguagem dos sacramentos - 31	Sugestões de leitura - 63

PAULO FREIRE

19 de setembro de 1921, Recife – 2 de maio de 1997, São Paulo

Paulo Reglus Neves Freire é considerado um dos nomes mais importantes para o pensamento brasileiro sobre o tema da educação. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Ele escreveu sua obra mais conhecida “Pedagogia do Oprimido”, no ano de 1968, quando de seu exílio no Chile. A dedicatória do livro apresenta ao leitor sua opção político-pedagógica:

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” (FREIRE, 1987, p. 12). Além disso, destaca o sentido de pensar uma obra inserida no processo do fazer pedagógico a partir da ótica dos oprimidos. “A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos



oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.” (Idem, p.17).

A relevância do pensamento freireano transcende os domínios do Brasil. Paulo Freire é um pensador que busca compreender o fenômeno educacional como um processo histórico, e mais especificamente a partir da leitura das classes oprimidas. Não há, para ele, um conhecimento neutro, pois todo conhecer é também uma leitura de mundo para sua transformação.

A sua concepção de educação funda-se na relação dia-

lógica, na interação dos seres humanos em cooperação. Segundo Freire (1986, p. 30): "Nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros".

O educador é um companheiro dos educandos na busca pelo conhecimento, que, segundo Freire, corresponde ao ato de ler e transformar o mundo. "Minha prática me vai tornando um companheiro dos educandos e não um puro aplicador de fórmulas impossivelmente neutras" (Idem, p. 44).

Como agente de construção da cultura, o educador não se coloca no lugar do que sabe mais que o povo. Ao contrário, aprende com o fazer do povo, inculturando-se em sua linguagem e modo de ser, "(...) para que o povo, tomando mais e mais sua História nas mãos, se refaça na feitura da História" (Id.íbid, p. 47).

Assim como não há educação neutra, o ato de estudar é também, segundo Freire, uma postura de quem lê diante do mundo, não como passivamente receptor, mas como sujeito atuante pela práxis, isto é, pela ação reflexiva, que conduz os sujeitos à transformação do mundo. Assim, "o ato de estudar, no fundo, é uma atitude em frente ao mundo" (FREIRE, 1982, p. 11). Trabalhando com os camponeses

latino-americanos, Paulo Freire dedicou-se à alfabetização de adultos como um processo político-pedagógico, diante de um mundo marcado por injustiças, em que a educação, muitas vezes, figura como lugar de privilégios. Freire apresenta uma outra abordagem educacional. Para ele, a educação deve estar a serviço da construção que supere as relações de privilégios de classe. Para isso, uma nova práxis pedagógica deve ser construída, uma vez que "não há pronúncia do mundo sem consciente ação transformadora sobre o mesmo" (Idem, p. 50).

A ação pedagógica conjuga o verbo esperar e não é possível sem a admissão de sujeitos livres, em seu processo de escolhas e responsabilização das mesmas. A educação é um processo histórico, que se sustenta na concepção de liberdade enquanto construção coletiva, na realização de uma utopia: construir novos olhares, fazeres e dizeres, pautados na coerência e na boniteza de sua ação na História do povo, com o povo, no dia a dia de suas memórias e travessias.

"É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança,

persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica". (FREIRE, 1996, P. 120). Devemos lutar na cotidianidade de nossos passos na existência pela opção por "um mundo de gente" (Idem, p. 127).

Que as palavras brotem da pulsante e incessante boniteza pela tessitura de um mundo político-pedagogicamente feito pela poesia da partilha e da amorosidade no processo de ensinar aprendendo e aprendendo a ensinar, dia após dia, nos caminhos da história que se faz e refaz na esperança dos que se entregam por inteiro à utopia dessa ca-

minhada conjunta. Viva Paulo Freire! Viva a Esperança!

Jorge Leão – Professor de Filosofia

Referências bibliográficas:

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- _____. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. 15ª. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.

- _____. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- _____. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. 31ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

“Para que a família se torne construtora da sociedade, precisa ela sair de si mesma e pensar no bem comum.”

Paulo Evaristo Arns
(1921 – 2016)





Jorge La Rosa*

Distinguir proteção de superproteção é desafio para os pais, já que a linha que as separa é tênue. Vivemos num mundo onde a violência penetra na escola, invade as noites e se abriga, inclusive, nos lares. Como, então, não cair na superproteção? As melhores intenções dos genitores nem sempre são suficientes, já que em matéria de educação, além de bons propósitos muitas vezes são necessárias informações específicas para que o processo educativo seja levado a bom termo.

O desenvolvimento humano ocorre em diversas dimensões: física, intelectual, sócioemocional, espiritual, para falar nas mais abrangentes. Quando os pais são superprotetores em uma área correm o risco de serem nas demais;

as pessoas com percepção de que o mundo é hostil e inimigo têm probabilidade de serem superprotetores.

BEBÊS E CRIANÇAS

A um bebê se dão a mamadeira e a papinha na boca, trocam-se fraldas, limpa-se o bumbum, calça-se o sapatinho e se o agasalha conforme a temperatura. Ocorre, contudo, que o neném cresce, seus ossos se fortalecem e ganha estrutura muscular, o que o leva a engatinhar, ficar de pé, caminhar, coordenar movimentos, aprender a falar. Haverá um momento em que se tornará capaz de pôr os próprios sapatos, amarrá-los, fazer sua higiene quando vai ao banheiro, vestir-se, comer usando talheres e uma série de atividades que sua estrutura muscular e neurológica lhe permitem; as crianças, chegadas nessa fase, precisam ser estimuladas a

realizar essas ações e ganhar autonomia. Superprotetora é a mãe que continua fazendo pelo filho aquilo que ele é capaz de realizar. Ou o pai.

A mensagem da mãe superprotetora ao filho é que ele é incompetente para realizar determinada tarefa que a maioria das crianças já faz. - E os sentimentos do filho serão de inferioridade, de incompetência, de falta de iniciativa.

NA ÁREA INTELECTUAL

Outro exemplo de superproteção é o pai que faz pelo filho as tarefas escolares, em vez de estimular nele a capacidade de resolver problemas, fazendo-lhe perguntas, dando-lhe dicas e trazendo questões semelhantes às que deve resolver – estratégias que abrem caminhos para o desenvolvimento intelectual e, também, para a autonomia intelectual, ou seja, o indivíduo aprende a encontrar respostas para as questões que suscita, inclusive indo à pesquisa, e não depender de terceiros.

Pais superprotetores darão sempre ou na maioria das vezes a solução para as questões que o filho propõe, pais protetores estimulam o filho com perguntas e pistas que o ajudem a encontrar a resposta.

NA ÁREA AFETIVA

Tomar decisões é outro terreno em que a criança pro-

gressivamente deve ser introduzida, sabendo que se torna responsável pelas mesmas. Exemplos de situações que ocorrem nos lares: em dia de frio a criança quer ir para escola pouco agasalhada, quer fazer as tarefas escolares à noite, quando já está cansada, quer passar três horas por dia no smartphone, etc. Nessas situações, os pais poderiam simplesmente concordar ou negar – estariam assim perdendo oportunidade de educação – ou os pais poderiam aproveitar a ocasião para ajudar o filho a avaliar as decisões possíveis em dada situação, os prós e os contra, vantagens e desvantagens, e consequências. O filho desenvolverá sua capacidade reflexiva e de análise que lhe permitirá perceber os valores embutidos em suas decisões, assim como riscos e consequências.

Importante é aprender a decidir, com a ajuda dos pais, para exercer sua liberdade com responsabilidade. – Os genitores que decidem comumente pelos filhos, sem considerar idade e contexto, estão impedindo a eclosão da maturidade afetiva. Não se nega que, em casos de grande risco não percebidos pelo filho, ou de filhos com forte dose de rebeldia, os pais façam valer suas decisões e não a de seus tutorados.

PERSPECTIVAS

A superproteção, também, não é uma questão de tudo ou nada, mas de grau. Há pais mais superprotetores e outros menos superprotetores. Os filhos estão sendo criados para viver neste mundo e não em outro. Não podemos evitar todos os riscos, as dores que envolvem o processo de desenvolvimento. Podemos acompanhá-los amo-

rosamente, analisando com eles as situações para desenvolver a capacidade reflexiva que os ajudará a exercer sua liberdade com responsabilidade, das quais precisamos ser para eles, exemplo.

** Jorge La Rosa, Professor universitário (UFRGS), Doutor em Psicologia Social, Terapeuta de Casal e Família.*

ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 40,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 33617-3 agência 2372-8 Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (31) 9778-7488**

E-mail: livraria.mfc@gmail.com



**Rua Terezinha Reis Ferreira, 280 - Bairro Rochedo
Conselheiro Lafaiete - MG - CEP 36404-169**



OCASO DA TRADIÇÃO

Curumim era pequeno, mas já quase um homem. Preparava-se para mudar de casa. Ia ficar um tempo grande na casa dos homens para aprender a arte da caça, da pesca, da guerra. Curumim só não entendia por que tinha que aprender a arte da guerra se não tinha com quem guerrear. Já há algum tempo todos viviam em paz, desde que chegaram os homens barbudos de quem seu avô falara. Isso tinha mudado a vida de seu povo. Alguns dos seus amigos estavam até se negando a participar do ritual da maioridade. Eles diziam que isso era coisa do passado e que os velhos da aldeia tinham ficado para trás.

Curumim ouvia tudo aquilo com certa preocupação e temor. Imaginava, às vezes, que seus colegas tinham razão. Ouvia os missionários dizer que na cidade grande havia jeito de as pessoas se falarem

usando um aparelho. Achava engraçado e confuso viver num lugar em que as pessoas não se olham nos olhos quando querem falar umas com as outras. Ainda assim passava um bom tempo imaginando como era a vida fora da sua aldeia.

Um dia, Curumim estava andando pelos arredores da aldeia. Gostava de perambular sozinho para conhecer os caminhos do pajé, para ver seus sinais. Caminhando sozinho ouviu vozes que vinham de dentro da mata. Abaixou-se para espiar melhor. Notou um casal de namorados que conversava distraidamente. A moça chorava baixinho enquanto o jovem lhe contava algo. O Curumim quis aproximar-se na tentativa de ouvir o diálogo dos dois. Abaixou-se cautelosamente sob os galhos das árvores até posar-se numa moita, de onde poderia ouvir os motivos daquela conversa.

- Você vai me deixar... Não tem pena de mim. Cidade grande é melhor que eu. Vai abandonar nossa gente que sempre deu de tudo a você para ir atrás de uma vida que não é sua.

- Não vou atrás de nada. Só quero conhecer o que tem lá. Muita gente nossa já foi e não se arrependeu...

- Só porque essa gente nunca voltou, não significa que não se arrependeu. Vai ver que eles ficaram por lá porque tiveram que juntar muita coisa e agora não sabem o que fazer com o que têm. Nossa vida é muito melhor aqui na mata, junto nossa gente, nossa música, nossa dança.

- Não adianta chorar, mulher. Eu vou embora mesmo que tenha de passar sobre tudo o que tem aqui.

- Você vai se arrepender. A cidade não é como nossa aldeia e...

- Não importa. Eu vou correr o risco.

O Curumim viu a menina desabar num choro sem fim. Ela estava transtornada com a atitude do namorado que a abandonara naquele lugar. Não se conteve e foi até a jovem. Ao chegar junto dela, não sabia muito bem o que dizer; apenas parou diante da moça e aguardou que ela o notasse. Imediatamente des-

culpou-se dizendo que havia escutado a conversa.

- Não tem importância, Curumim. Aquela conversa tinha que acontecer no meio da aldeia para que todos ouvissem a loucura que meu homem vai fazer.

- Por que você considera essa decisão uma loucura?

- Porque lá não é nosso mundo. Temos ouvido isso de nossos velhos sábios. Por que duvidar deles? Nossos homens querem ir embora para longe, atrás de riqueza, de coisas que não cabem dentro da gente. A memória de nosso povo está sendo esquecida porque a luz da cidade é mais forte.

- Mas não dá para viver as duas coisas dentro da gente?

- Deve dar sim, Curumim. Mas não se trata apenas de coisas materiais. Nós não somos iguais a eles, somos diferentes. Tu achas que um filhote de capivara vai viver bem no meio das onças? Eles são as onças e nós, as capivaras. A memória de nossa gente está correndo riscos.

Curumim achou engraçada a comparação que a moça fez. Ajudou-a a levantar-se e os dois seguiram para a aldeia. Ele prometeu não tocar no assunto com ninguém.

*Fonte: MUNDURUKU, Daniel.
O Sinal do Pajé. São Paulo:
Peirópolis, 2003, p. 17 – 21.*



O clima como bem comum

O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. Em nível global é um sistema complexo, que tem a ver com muitas condições essenciais para a vida humana. Há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático. Nas últimas décadas, este aquecimento foi acompanhado por uma elevação constante do nível do mar, sendo difícil não relacioná-lo com o aumento dos acontecimentos meteorológicos extremos, embora não se possa atribuir uma causa cientificamente determinada a cada fenómeno particular. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para

combater esse aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. É verdade que há outros fatores (tais como o vulcanismo, as variações da órbita e do eixo terrestre, o ciclo solar), mas numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases de efeito estufa (anidrido carbônico, metano, óxido de azoto e outros) emitidos, sobretudo, por causa da atividade humana. A sua concentração na atmosfera impede que o calor dos raios solares refletidos pela terra se dilua no espaço. Isto é particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, o qual está no centro do sistema energético

mundial. E incidiu também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola.

Por sua vez, o aquecimento influi sobre o ciclo do carbono. Cria um círculo vicioso que agrava mais a situação e que incidirá sobre a disponibilidade de recursos essenciais como a água potável, a energia e a produção agrícola das áreas mais quentes e, ainda, provocará a extinção de parte da biodiversidade do planeta. O derretimento das calotas polares e dos glaciares a grande altitude ameaça com uma liberação, de alto risco, de gás metano, e a decomposição da matéria orgânica congelada poderia acentuar mais a emissão de anidrido carbônico. Entretanto, a perda das florestas tropicais piora a situação, pois estas ajudam a mitigar a mudança climática. A poluição produzida pelo anidrido carbônico aumenta a acidez dos oceanos e compromete a cadeia alimentar marinha. Se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos nós. Por exemplo, a subida do nível do mar pode criar situações de extrema gravidade, se se considera que um quar-

to da população mundial vive à beira-mar ou muito perto dele, e a maior parte das megacidades está situada em áreas costeiras.

As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema, como a agricultura, a pesca e os recursos florestais. Não possuem outras disponibilidades econômicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção. Por exemplo, as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a migrar com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida

e dos seus filhos. É trágico o aumento de migrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre a qual se funda toda a sociedade civil.

Muitos daqueles que detêm mais recursos e poder econômico ou político parecem concentrar-se, sobretudo, em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas. Mas muitos sintomas indicam que tais efeitos poderão ser cada vez piores, se continuarmos com os modelos atuais de produção e consumo. Por isso, tornou-se urgente e imperioso o

desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de anidrido carbônico e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável. No mundo, é exíguo o nível de acesso a energias limpas e renováveis. Mas ainda é necessário desenvolver adequadas tecnologias de acumulação. Entretanto, em alguns países, registram-se avanços que começam a ser significativos, embora estejam longe de atingir uma proporção importante. Houve também alguns investimentos em modalidades de produção e transporte que consomem menos energia exigindo menor quantidade de matérias-primas, bem como em modalidades de construção ou reestruturação de edifícios para melhorar a sua eficiência energética. Mas estas práticas promissoras estão longe de se tornar onipresentes.

*Fonte: Papa Francisco.
Laudato Si. Sobre o Cuidado
da Casa Comum. 1ª. ed.
São Paulo: Paulinas, 2015,
n, 23 – 26, p. 21 – 25*

“Não temais a vida. Como a vida é bela quando se faz algo bom e sincero.”

Fiódor Dostoiévski:
“Os Irmãos Karamázov”, p. 998.





Empatia e compreensão...

Ser empático nos diz sobre sentir dentro de nós o que nos faz sair do estado de indiferença diante da dor do outro.

Compreendemos melhor o outro, ao nos dar conta de que somos frágeis, sendo suscetíveis de cometermos equívocos na vida.

A empatia conduz a mente a um exercício de aprendizado meditativo: perceber que é possível caminhar pela vida num sentido maior de unidade.

A dor que o outro sente jamais será a minha dor. Cada um recebe em si a dimensão de sua experiência. A que poderia nos levar, então, a empatia? Ser empático é perceber em mim que todos somos suscetíveis à dor, e, assim, dizer ao

outro: “eu não posso dimensionar o tamanho de sua dor, mas eu posso te fazer companhia nesse momento difícil”...

Assim, a empatia é a capacidade humana de ser solidário diante da dor do outro. Ela nos tira da indiferença. Ela nos promove compreensão. Sendo compreensivos, caminhamos de modo mais integrado pela jornada da vida...

Compreender a dor do outro, pela via da empatia, não é simplesmente submeter-se à condição de um cenário desfavorável, acatando as suas limitações restritivas. Ao contrário, a compreensão nos conduz ao espaço de uma reflexão mais profunda sobre o que levou aquela situação a ganhar força, no tempo do aprendizado que o outro se encontra.

Ao percebermos o momento do outro como aprendizado e não apenas como ruína ou final de linha na viagem na vida, nossa companhia poderá representar encorajamento para a superação desta situação dolorosa.

Por isso, empatia não é algo estanque, que nos imobiliza diante da dor do outro, naquela conhecida expressão: "sou impotente diante dessa situação". Colocando-nos ao lado do outro, levamos não apenas nossa presença física, mas nossa companhia vigorosa, apontando caminhos, olhando em seus olhos, fazendo-lhe um chamamento, ao dizer: "Coragem! Você não está sozinho! Conta sempre comigo!"

A atitude da empatia conduz a mente para o domínio da compaixão. Seres empáticos são seres compassivos, isto é, manifestam o desejo de compartilhar experiências dolorosas, mas também alegrias. Ou seja, tudo aqui-

lo que marca profundamente nossas vidas.

Quer seja uma situação dolorosa, difícil de encarar, um tormento ou uma tempestade, quer seja uma conquista, uma alegria, um momento de êxito profissional ou pessoal, a empatia nos coloca diante do outro como companhia, como presença, tornando a vida uma experiência de partilha.

Ninguém cresce sem a colaboração do outro. Somos seres de afetos. Somos capazes de dividir momentos de dor e de alegria com nosso semelhante. Somos seres de empatia. Somos seres de afeição. Afetos precisam ser compartilhados!

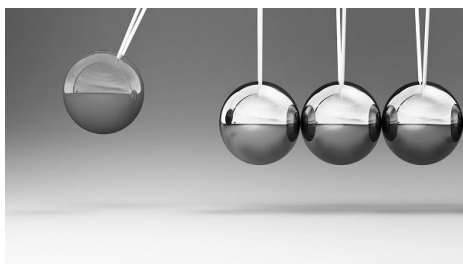
Gratidão pela partilha deste aprendizado!

Paz, luz e empatia nós, seres aprendizes na jornada diária da evolução!

Namastê!

Jorge Leão

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



16 fato
e razão

“Você nunca sabe que resultados virão das suas ações. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”

Mohandas Gandhi
(1879 – 1948)



Um outro ponto que me parece interessante sublinhar, característico de uma visão crítica da educação, é o da necessidade que temos, educadores e educadoras, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros o direito de dizer a sua palavra.

Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igual-

mente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. Dizê-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário. Este não pode ser o modo de atuar de uma educadora ou de um educador cuja opção é libertadora.

Quem apenas fala e jamais ouve; quem "imobiliza" o conhecimento e o transfere aos estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco, apenas, de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; quem considera petulância da classe

trabalhadora reivindicar seus direitos; que pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada a ver com libertação nem democracia. Pelo contrário, quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconscientemente, ajuda a preservação das estruturas autoritárias.

Um outro aspecto ligado a este e a que gostaria de me referir, é o da necessidade que temos os educadores e educadoras de “assumir” a ingenuidade dos educandos para poder, com eles, superá-la.

Estando num lado da rua, ninguém estará em segui-lo no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá. Assim também ocorre com a compreensão menos rigorosa, menos exata da realidade. Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade.

Mas assumir a ingenuidade dos educandos demanda

de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também.

Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de ser educados pelos educandos; só eles separam o ator de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.

Na verdade, para que a afirmação “quem sabe, ensina a quem não sabe” se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora. O educador, como quem sabe, precisa reconhecer, primeiro, nos educandos em processo de saber mais, os sujeitos, com ele, deste processo e não pacientes acomodados; segundo, reconhecer que o conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não possui.

Fonte: FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam. 15ª. ed.

São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986, p. 30 – 32.

Desigualdade planetária



O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta. Por exemplo, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais.

Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma cons-

ciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, vários bilhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas são colocados como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar. Isto se deve, em parte, ao fato de que muitos profissionais, formadores de opinião, meios de comunicação e centros de poder estarem localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com os seus problemas.

Vivem e refletem a partir da comodidade de um desenvolvimento e de uma qualidade de vida que não está ao alcan-

ce da maioria da população mundial. Esta falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação das nossas cidades, ajuda a cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas. Isto, às vezes, coexiste com um discurso “verde”. Mas, hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.

Em vez de resolver os problemas dos pobres e pensar num mundo diferente, alguns se limitam a propor uma redução da natalidade. Não faltam pressões internacionais sobre os países em vias de desenvolvimento, que condicionam as ajudas econômicas a determinadas políticas de “saúde reprodutiva”. Culpar o incremento demográfico em vez do consumismo exacerbado e seletivo de alguns é uma for-

ma de não enfrentar os problemas. Pretende-se, assim, legitimar o modelo distributivo atual, no qual uma minoria se julga com o direito de consumir em uma proporção que seria impossível generalizar, porque o planeta não poderia sequer conter os resíduos de tal consumo. Além disso, sabemos que se desperdiça aproximadamente um terço dos alimentos produzidos, e a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre. Em todo o caso, é verdade que devemos prestar atenção ao desequilíbrio na distribuição da população pelo território, tanto a nível nacional como a nível mundial, porque o aumento do consumo levaria a situações regionais complexas pelas combinações de problemas ligados à poluição ambiental, ao transporte, ao tratamento de resíduos, à perda de recursos, à qualidade de vida.

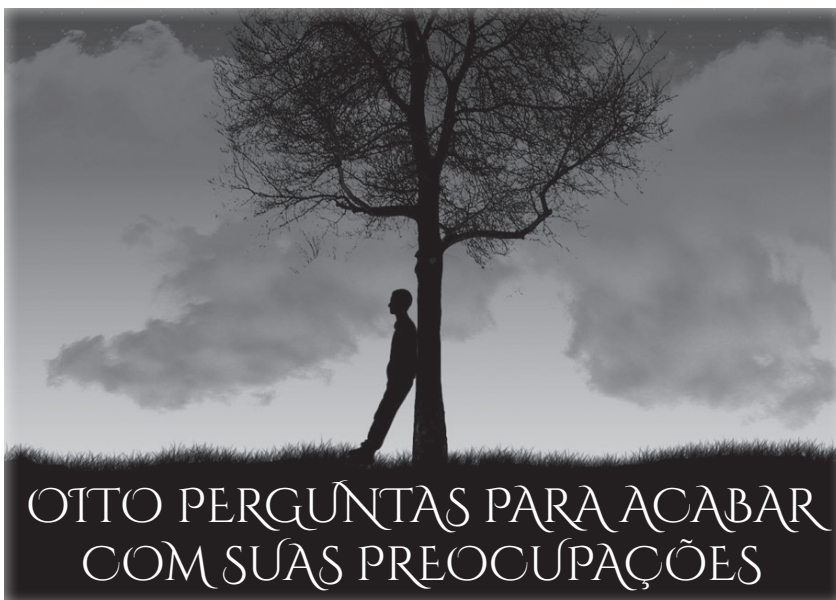
*Fonte: Papa Francisco.
Laudato Si. Sobre o Cuidado
da Casa Comum. 1ª. ed.
São Paulo: Paulinas, 2015,
n, 23 – 26, p. 38 – 41.*

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frase para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊



“Precisamos de luz, para nos vermos uns aos outros e para nos guiarmos no relacionamento com as pessoas que conosco trabalham, sofrem e esperam.”

Paulo Evaristo Arns
(1921 – 2016)



OTTO PERGUNTAS PARA ACABAR COM SUAS PREOCUPAÇÕES

1. O assunto é de quem?
2. Qual é o seu nível de influência nele?
3. Pode fazer algo para resolvê-lo agora?
4. Quer fazer algo a respeito?
5. Sente-se capaz de resolvê-lo?
6. Qual será o próximo passo?
7. Quando irá dar esse passo?
8. O que precisa para fazê-lo com sucesso?

Você está preocupado? Quanto do seu dia você gasta com preocupações excessivas? Como tais preocupações tem comprometido sua qualidade de vida?

O excesso de preocupações pode se tornar um fardo pesado que pesa negativamente em seus relacionamentos, autoestima, carreira e outros aspectos de sua vida. Também pode causar impacto emocional e mental, intensifi-

cando os sintomas de pânico e ansiedade. Contudo, ainda que tenha tendência a se preocupar, o comportamento não precisa controlar sua vida. Colocar as preocupações embaixo do tapete, também não irá funcionar.

Tomar medidas práticas, em vez de ficar apenas remoendo os problemas, é o grande diferencial que separa os resilientes (aqueles que são capazes de manter o próprio equilíbrio

emocional diante das situações angustiantes, por terem alta capacidade de se readaptarem depois de um impacto, por serem mais otimistas e possuir um alto índice de autoestima) dos conformistas, (aqueles que sucumbem sem questionamento nem luta a uma situação incômoda ou desfavorável).

A única diferença entre aqueles que conseguem se libertar de padrões prejudiciais e aqueles que não fazem isso, é que os primeiros investem tempo trabalhando as próprias emoções.

Quer uma dica de como fazer isso? Comece ou termine o dia refletindo sobre seus pensamentos, analisando o que tem gerado preocupação e perceba que na maioria das situações não temos ação, tampouco controle. Então, use sua espiritualidade como recurso terapêutico e apresente suas preocupações, angustias

e aflições no momento de sua oração diária.

Esse gesto trará organização aos pensamentos, que muitas vezes estão acelerados e confusos, pois quando falamos ou escrevemos obrigatoriamente ordenamos nossa mente e isso tende a trazer alívio e maior compreensão da situação, pois você pode perceber por exemplo, que aquilo que lhe tirou o sono na noite passada não é tão urgente quanto você pensava. Isso pode liberar sua mente para se concentrar em pensamentos mais produtivos e trazer mais foco e leveza para o seu presente.

*Lucilene Lera Alciati – MFC
Tatuí – SP -Psicóloga,
Especialista em Terapia de Casal
e Família, atua no Seminário
Arquidiocesano de Sorocaba,
em consultório particular e no
Colégio Objetivo de Tatuí.
@psi.lucilenealciati*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“Na nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas.”

Paulo Freire
“A importância do ato de ler”, p. 36.

Conversas com Paulo Freire (II)...



POVO E CULTURA

Todos os Povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam.

A dança do Povo é cultura.

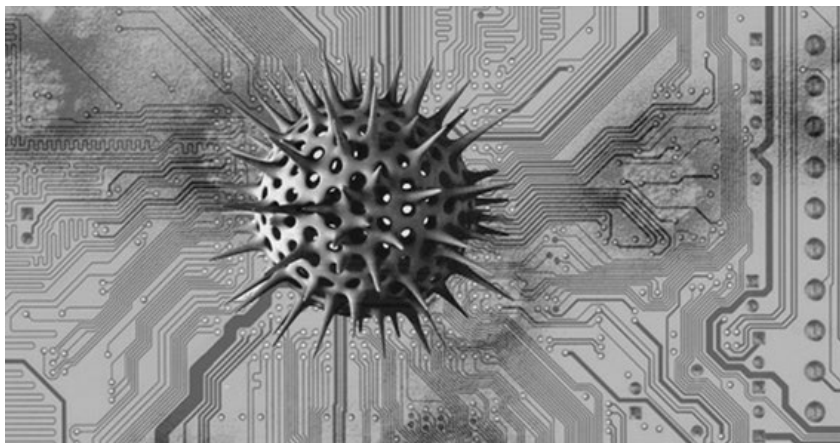
A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha.

Cultura são os instrumentos que o Povo usa para produzir.

Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro.

Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores.

Fonte: FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam. 15ª. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986, p. 84.



O pior está ainda por chegar...

As grandes enchentes ocorridas na Alemanha e na Bélgica em julho, mês do verão europeu, causando centenas de vítimas, associadas a um aquecimento abrupto que chegou em alguns lugares a mais de 50 graus, nos obriga a pensar e a tomar decisões em vista do equilíbrio da Terra. Alguns analistas chegaram a dizer: a Terra não se aqueceu; ela se tornou, em alguns lugares, uma fornalha.

Isso significa que dezenas de organismos vivos não conseguem se adaptar e acabam morrendo. Atualmente com o atual aquecimento que no último século cresceu em mais de um grau Celsius, e se chegar, como previsto, a dois graus cerca de um milhão de espécies vivas estarão à borda de seu desaparecimento

depois de milhões de anos vivendo neste planeta.

Entendemos a resignação e o ceticismo de muitos meteorólogos e cosmólogos que afirmam termos chegado tarde demais no combate ao aquecimento global. Não estamos indo ao encontro dele. Estamos gravemente dentro dele. Argumentam, desolados, temos pouco que fazer, pois o dióxido de carbono já está excessivamente acumulado, pois, permanece na atmosfera entre 100 a 120 anos, agravado pelo metano, 20 vezes mais tóxico, embora fique por pouco tempo no ar. Por surpresa geral, ele irrompeu, devido ao degelo das calotas polares e do permafrost que vai do Canadá e atravessa toda a Sibéria. E fez crescer o aquecimento global.

A intrusão do Covid-19, por ser planetário, nos obri-

ga a pensar e a agir de modo diferente. É notório que a pandemia é consequência do antropoceno, quer dizer, do excessivo avanço agressivo do sistema imperante, baseado no lucro ilimitado. Ele ultrapassou os limites suportáveis pela Terra. Pelo desmatamento, pelo cultivo de monoculturas e pela geral poluição do meio ambiente, chegou-se a destruir o habitat dos vírus. Sem saber para onde ir, saltaram para outros animais, imunes dos vírus e deles passaram a nós que não possuímos esta imunidade.

Vale pensar o que significa o fato de que o inteiro planeta foi afetado, por um lado igualando a todos, e por outro aumentando as desigualdades porque a grande maioria não consegue viver o isolamento social, evitar as aglomerações, especialmente, no transporte coletivo e nas lojas. Não afetou os demais seres vivos, nossos animais domésticos.

Devemos reconhecer: os visados fomos nós humanos. A Mãe Terra, desde os anos 70 do século passado, reconhecida como um organismo vivo, Gaia, e pela ONU (no dia 22 de abril de 2009) aprovada verdadeiramente como Mãe-Terra, nos enviou um sinal e uma advertência: "parem de agredir todos os ecossistemas que me com-

põem; já não me concedem o tempo suficiente para repor o que me tiram durante um ano e de me regenerar".

Como o paradigma vigente considera a Terra ainda como um mero meio de produção, num sentido utilitarista, não estão prestando atenção a suas advertências. Ela, como super-organismo vivo, nos dá sinais inequívocos, como agora,, com as grandes enchentes na Europa, o excessivo frio no hemisfério sul e a gama de vírus já enviados (zica, ebola, chikungunya e outros).

Como somos cabeças duras e vige uma clamorosa ausência de consciência ecológica, podemos ir ao encontro de um caminho sem retorno.

Curiosamente, como já foi comentado por outros, "os profetas do neoliberalismo estão se transformando em promotores da economia social porque concebem, diante da catástrofe atual, que já não será possível fazer o mesmo que antes e que será necessário voltar aos imperativos sociais". O pior que nos poderia acontecer é voltar ao antes, cheio de contradições perversas, inimigo da vida da natureza e indiferente ao destino das grandes maioria pobres e se armando até os dentes com armas de destruição em massa, absolutamente inúteis face aos vírus.

Temos que forçosamente mudar, superar os velhos soberanismos que tornava os outros países até hostis ou submetidos à feroz competição. O vírus mostrou que não contam para nada os limites das nações. O que, realmente, conta é a solidariedade entre todos e o cuidado de uns com os outros e para com a natureza, para que, preservada, não nos envie vírus ainda piores. Agora é da nova era da Casa Comum dentro da qual estão as nações.

David Quamen, o grande especialista em vírus, deixou esta advertência: ou mudamos nossa relação para com a natureza sendo respeitosos, sinérgicos e cuidadosos, caso contrário ela nos enviará outros vírus, quem sabe um tão letal que nossas vacinas não poderão atacá-los e levarão grande parte da humanidade.

Ao não determos o aquecimento global e ao não mudarmos de paradigma para com a natureza, conhecere-

mos dias piores. Se não podemos mais deter o aumento do aquecimento global, com a ciência e a técnica que possuímos, podemos pelo menos mitigar seus efeitos deletérios e salvar o máximo da imensa biodiversidade do planeta.

Como nunca antes na história, o destino comum está em nossas mãos: devemos escolher entre seguir a mesma rota que nos leva a um abismo ou mudar forçosamente e garantir um futuro para todos, mais frugal, mais solidário e mais cuidadoso para com a natureza e a Casa Comum.

Já há trinta anos repito esta lição e sinto-me um profeta no deserto. Mas cumpro o meu dever que é de todos os que despertaram um dia. Devemos falar e agora já gritar.

Leonardo Boff ecofilósofo e escreveu Habitar a Terra: a via para a fraternidade universal a sair pela Vozes dentro de pouco; Covid-19, a Mãe Terra contra-ataque a Humanidade, Vozes 2020.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



“Se lhe faltar amor, o ser humano não passará de um invólucro vazio, mesmo que possuísse todo o poder, todas as riquezas e toda a inteligência.”

Eric Fromm
Psicanálise e Religião.

Conversas com Paulo Freire (III)...

TEORIA E PRÁTICA NA AÇÃO CULTURAL E POLÍTICA



O que se deve opor à prática não é a teoria, de que é inseparável, mas o blá-blá-blá ou o falso pensar.

Assim como não é possível identificar teoria com verbalismo, tampouco é o identificar prática com ativismo. Ao verbalismo falta a ação; ao ativismo, a reflexão crítica sobre a ação.

Não é estranho, portanto, que os verbalistas se isolem em suas torres de marfim e considerem desprezíveis os que se dão à ação, enquanto os ativistas considerem os que pensam sobre a ação e para ela, como “intelectos nocivos”, “teóricos” e “filósofos” que nada fazem senão obstaculizar sua atividade.

Para mim, que me situo entre os que não aceitam a separação impossível entre

teoria e prática, toda prática educativa implica numa teoria educativa.

Por isso é que, ao falar agora de antagônicas concepções da alfabetização de adultos, não poderei deixar de, simultaneamente, fazer referência a aspectos de suas respectivas práticas.

A fundamentação teórica da minha prática, por exemplo, se explica ao mesmo tempo nela, não como algo acabado, mas como um movimento dinâmico em que ambas, prática e teoria, se fazem e se refazem.

Desta forma, muita coisa que hoje ainda me parece válida, não só na prática realizada e realizando-se, mas na interpretação teórica que fiz dela, poderá vir a ser superada amanhã, não só por mim, mas por outros.

A condição fundamental para isto, quanto a mim, é que esteja, de um lado, constantemente aberto às críticas que me façam; de outro, que seja capaz de manter sempre viva a curiosidade, disposto sempre a retificar-me, em função dos próprios achados de minhas futuras práticas e da prática dos demais.

Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por

recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto.

Fonte: FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 17.



ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

AVISO AOS ASSINANTES

- 1. Para renovar sua assinatura, basta efetuar um depósito ou transferência para nossa conta 33617-3, agência 2372-8 do Banco do Brasil no valor de R\$ 40,00**
- 2. ATENÇÃO: É indispensável que nos comunique a data do depósito ou da transferência através do e-mail: livraria.mfc@gmail.com ou Whatsapp: (31) 9778-7488**
- 3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.**
- 4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago.**



**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**



Buscar responder à pergunta “Quem sou eu?” é algo que acompanha a humanidade há muito tempo. Encontrar uma resposta única e absoluta para tal questionamento não é, seguramente, algo fácil de se obter.

Contudo, ao perguntarmos sobre o que somos, saímos da posição de simplesmente viver ignorando algo essencial. Mesmo sem ter uma resposta fixa para tal questão, percebemos a importância de dar o primeiro passo, iniciando um caminho que nos acompanhará por toda vida.

Ao relacionar precisamente a necessidade de dar espaço para o conhecimento de nós mesmos, começamos a construção de uma casa: o nosso próprio ser. Eu preciso, para construir algo, primeiro saber o que tenho para dar início à construção. No caso de nossa casa interior, saber quais são as minhas qualida-

des e limitações. Ou seja, de que disponho para iniciar tal empreitada.

É possível iniciar um pequeno exercício. Lançar em um caderno algumas indicações, tais como:

- Quais as minhas principais virtudes, quando me relaciono com as pessoas? (Identifique três, se possível). Em que elas ajudam a promover em mim uma melhor disposição para a vida?

- Quais as limitações que dificultam a minha aproximação comigo mesmo? Eu consigo identificar as causas de sua existência em minha mente?

- Ao me sentir desafiado para a realização de uma tarefa, o que levo em consideração: o grau de dificuldade próprio da extensão da mesma ou o fato de ser desafiado a construir algo novo?

- Como reajo diante de experiências bem sucedidas?

O que faço para aperfeiçoar as tarefas que chegaram ao êxito?

- O que me causa quando sinto que algo foge ao meu controle?

- Como venho trabalhando os meus medos? Eles podem me ensinar algo?

Essas são algumas perguntas que podem nos ajudar no caminho do autocohecimento.

São apenas caminhos, sugestões, pois, como sabemos, o caminho da autodescoberta é uma vivência que precisa estar presente em nosso dia a dia.

Não há uma fórmula pronta, acabada, muito menos uma receita que nos fará encontrar a resposta completa. O mistério sobre o que somos ou se existe um propósito último para a vida são questões que permanecem abertas em nosso percurso existencial.

Não nos cobremos um ponto de chegada. Caminhemos. A jornada é longa, mas podemos tornar a caminhada mais leve, seguindo sem cobranças extremadas ou pressões internas, para alcançar a curto prazo respostas definitivas.

A beleza da busca é saber-se inacabada. Estamos em

processo de aprendizado. E todo aprendiz inicia sua peregrinação ao dar-se conta de que precisa aprender, dia após dia, com o caminho que se coloca à sua frente.

Autoconhecimento é um estado de espírito que implica leveza, paciência e reconhecimento de que não estamos prontos e nem jamais teremos a posse da verdade definitiva sobre nada. Reconhecer-se aprendiz é, portanto, uma atitude de humildade. E essa é a beleza de quem começa a indagar-se sobre si mesmo. Encontrar a beleza de uma flor que desabrocha dentro de nós, segredando a sua fragrância, sem limitar nosso olfato a uma definição acabada.

Somos eternos aprendizes de nós mesmos. Sigamos em jornada. O encantamento da caminhada não é chegar, mas sentir-se caminhante, pois é nesta consciência que a vida adquire, aos poucos, leveza e significado. E como todo conhecimento implica em uma busca, que possamos permanecer em atitude de humilde busca nesta tarefa primordial.

Gratidão!

Namastê!

Jorge Leão, Professor de Filosofia e membro participante do MFC, em São Luís, MA.



A linguagem dos sacramentos

Os sacramentos não dependem de um discurso repleto de argumentos convincentes. Antes de falar à cabeça, eles falam ao coração, à vida. Um olhar, um livro, um abraço, um lugar trazem recordações e emoções – realidades mais profundas que se escondem atrás de tais gestos e objetos. Exemplo disso é o caso da moça que guardava o papel do primeiro saquinho de pipoca que o namorado lhe ofereceu. Era um papel amassado e engor durado, que a mãe jogou fora ao arrumar o quarto. Aos olhos da mãe, tratava-se de um pedaço de papel sem importância, como tantos outros que se destinam ao lixo. Aos olhos da filha, aquele papel era o sinal, o sacramento, do início de um namoro que a encantava.

Antes de morrer, a avó deixa para o neto querido a velha caneca esmaltada na qual ela tomava chá. Caneca usada, amassada na borda, um pouco enferrujada. Mas não adianta alguém querer dar uma nova caneca ao rapaz. Não seria a mesma coisa, porque só aquela está impregnada da presença da avó. Só aquela possui essa sacramentalidade que faz um objeto visível ser sinal da presença de alguém que permanece invisível.

A linguagem dos sacramentos é sempre evocativa: lembra um encontro, registra uma experiência, narra um fato, revela o lado mais profundo das coisas.

Fonte: BETTO, Frei. *Catecismo Popular*. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 78.

Conversas com Paulo Freire (IV)...



ENSINAR EXIGE **QUERER BEM** AOS EDUCANDOS

Esta abertura ao querer bem significa que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os educandos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

[...]

A minha abertura ao querer bem significa a minha disposição à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo.

A atividade docente de que a discente não se separa É uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no

encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corroi ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento.

Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus educandos.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa,

vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da "morte da História" propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com muito pouco de formador, com mais de treinador, de transferidor de saberes, de exercitador de destrezas.

[...]

Foi sempre como prática de gente que entendi o que-fazer docente. [...] se nunca idealizei a prática educativa, se em tempo algum a vi como algo que, pelo menos, parecesse com um que-fazer de anjos, jamais foi fraca em mim a certeza de que vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais.

Naturalmente, o que de maneira permanente me ajudou a manter esta certeza foi a compreensão da História como possibilidade e não como determinismo, de que decorre necessariamente a importância do papel da subjetividade na História, a capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper e por isso tudo, a importância da ética e da política.

[...]

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor

em que se gera a necessária disciplina intelectual.

Estou convencido, porém, de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Ou, em outras palavras, não é a minha arrogância intelectual a que fala de minha rigorosidade científica. Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente.

Fonte: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa*. 31ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 141 – 146.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frase para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



“Vai chegar um dia em que ninguém trabalhará para estudar nem ninguém estudará para trabalhar, porque todos estudarão ao trabalhar.”

Paulo Freire:
“A importância do ato de ler”, p. 79.

O Dia dos Avós na Floresta

Solange Castellano Fernandes Monteiro

Há muitos anos atrás existia em uma árvore de uma das mais famosas Florestas do planeta, uma família de corujas. Quando nascia uma corujinha, a mamãe coruja sempre dizia que era o filhotinho mais bonito do mundo. E sempre era assim.



A mamãe coruja, como todas as aves mães alimentava, aquecia, ensinava os perigos da floresta, em especial do gavião que sempre queria se alimentar de seus filhotes de corujinhas.

O gavião que era uma ave muito esperta resolveu inventar dias especiais na floresta para conseguir caçar os que comparecessem às comemorações e alimentar seus filhotes para que eles ficassem sempre a ave mais forte e esperta daquele espaço.

Anunciou em todos os cantos da floresta que faria uma festa muito especial para todos irem comemorar. Inventou o "Dia da Vovó Coruja na Floresta". Nesse dia, todos os netinhos das corujas, com sua juventude acumulada por tantos anos e que estavam vivas na Floresta, cele-

brariam a melhor vovó coruja deles. O Gavião gritava, em seu microfone, que todos deveriam levar um presente para as vovós.

Despertou nos filhotinhos corujas o desejo de comprar o presente mais bonitinho para a sua avó. Cada filhotinho queria adquirir o presente mais caro porque achavam que assim sua avó ficaria mais feliz. Além disso, eles pensavam que demonstrariam um amor muito grande à sua vovó coruja com o presente mais caro que existisse. Desejavam participar da festa com muita alegria, mas carregando o "melhor presente".

O Gavião abriu uma loja e passou a vender coisas para que os netinhos corujas comprassem. Assim, ele além de ficar acumulando muito dinheiro ainda poderia ter um

dia para devorar todos os filhotes no dia da festa sem muito esforço.

Enquanto os filhotinhos corujas preparavam a surpresa para a vovó e compravam os presentes, a mamãe coruja comentou com a vovó coruja o que os netinhos estavam planejando com a proposta do gavião. Não foi para estragar a surpresa, mas porque mamãe coruja respeitava as opiniões da vovó coruja e sabia que ela já vivia na floresta há muito mais tempo e sabia todas as artimanhas dos gaviões. Afinal a coruja sempre foi o símbolo da sabedoria e da educação!

Quando, porém, a vovó coruja ficou sabendo ficou muito preocupada. E disse para a mamãe coruja que faria uma surpresa para o gavião. A vovó coruja pediu que ela não deixasse nenhum de seus filhotes comprarem mais nada com o gavião dizendo que a vovó não queria esse tipo de presente. Também pediu que a mamãe coruja não deixasse seus filhotes irem na festa preparada pelo gavião.

De comum acordo com a mamãe coruja, a vovó chamou todos os netinhos corujinhas para ir em sua casa. Lá a vovó perguntou o que faziam eles gostarem tanto da vovó. Também perguntou o que eles fariam quando fossem avós.

Depois, fez um lanchinho maravilhoso com seus netos. Teve muita brincadeira e contou muitas histórias de animais que gostam das corujas e dos que só querem enganar para comer as corujinhas e só dar alimentos para seus filhotes. Também disse que esses gaviões as vezes só queriam não fazer muito esforço para caçar e tornar seus filhos mais “espertos” e mais fortes que as outras aves. A vovó coruja filmou tudo no dia do lanchinho e fez uma mensagem finalizando a gravação.

No dia marcado pelo gavião para fazer a festa, alguns filhotes que não tinham uma vovó coruja para contar as histórias e alertar as mães corujas, foram até a comemoração. E, o gavião os comeu ou deu para seus filhotinhos. De repente ele lembrou das outras corujinhas que viviam na floresta. E perguntou em seu alto falante: “onde estão as outras corujinhas? Vocês estão perdendo a festa!”.

Aí a vovó coruja, de seu controle remoto, acionou um vídeo de sua festa no telão que ela colocou na floresta. E deixou o vídeo com a seguinte mensagem:

“Homenagear as vovós é uma maravilhosa iniciativa para comemorar a beleza de se ter vivido tanto e poder partilhar com as crianças

e jovens o que se acumulou de sabedoria. Com amor nós vovós corujas passamos tudo que sabemos para os netinhos. Mas, principalmente, temos que prestar a atenção aos devaneios de quem só tem sentimentos de enganar, de querer acumular alimentos, de que só quer ser mais que todo mundo.

Porém sou grata a você gavião. Isso porque a partir de sua “esperteza” você me ajudou a criar um dia especial com meus netinhos. Foi meu melhor presente tê-los comigo o dia todo. Foi Amor gratuito!”

O gavião ficou furioso e os outros animais da floresta adoraram o vídeo da vovó coruja. Todas as aves e animais da floresta, os que tinham

ou os que não tinham avós, aprenderam a lição da sabedoria contida no Livro da Vida da vovó e do vovô coruja que foi apresentada na mensagem do vídeo. E todos os animais da floresta gritaram: Feliz dia dos avós!

Solange Castellano Fernandes Monteiro – MFC do Rio de Janeiro

PARA REFLETIR:

- 1- Você tem avós? O que você mais admira neles?
- 2- Como você comemora o dia dos avós (dia 26 de julho)?
- 3- Quem faz como o gavião em nossos dias?
- 4- O que você mais gostou nessa história?

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Na nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas.”

Paulo Freire: “A importância do ato de ler”, p. 36.





Bebidas para o Intestino

Colón Irritável

O intestino, assim como todo o tubo digestivo, possui uma estreita relação com o estado mental, juntamente com todos os alimentos ingeridos.



Não se pode dizer que exista uma dieta específica para aliviar ou evitar sintomas desagradáveis de intestino irritável: cólicas, gases e diarreias repentinas. No entanto, sabe-se que esses casos pioram com o uso de alimentos gordurosos, produtos lácteos, certos tipos de verduras cozidas, café e outras bebidas que contenham cafeína e álcool.

Entre os alimentos mais bem tolerados por pacientes de cólon irritável se encontram o arroz, o morango e a linhaça. Graças a eles, as pessoas que sofrem desse mal podem desfrutar desse delicioso shake, pois ele não desencadeia esses sintomas e ainda contribui para evita-los, quando usado de forma regular.

Ingredientes:

Para duas porções de 200 ml

- Uma xícara de morangos (cerca de 144 g)
- Duas colheres (sopa) de sementes de linhaça ou de chia, moídas (cerca de 20g)
- Uma xícara de leite de arroz (cerca de 240 ml)
- Quatro folhas de menta (cerca de 0, 20g)

Preparo:

1. Moer as sementes de linhaça (ou de chia) em um tritura dor ou pilão até convertê-las em pó.
2. Juntar a linhaça moída com os morangos, o leite de ar roz e as folhas de menta em um liquidificador e bater até obter um líquido homogêneo.
3. Adoçar a gosto, usando açúcar não calórico, como a estévia.

Intolerância ao Glutén

A intolerância ao glutén ou doença celíaca requer que se evite o trigo, a cevada e o centeio em qualquer quantidade.

ANTI-INFLAMATÓRIO INTESTINAL



O glutén é um conjunto de proteínas próprias do trigo, da cevada, do centeio encontradas em todas as variedades e derivados desses grãos. O glutén é caracterizado por sua elasticidade, permitindo que a massa adquira uma consistência macia nos pães. A aveia contém uma pequena proporção de glutén. Apesar disso, curiosamente a aveia é geralmente bem tolerada pelos celíacos.

Existem indícios de que o glutén nas variedades modernas de trigo, obtidas por seleção genética, causam mais intolerância em pessoas sensíveis.

Dentre os transtornos causados pelo consumo do glutén, destacam-se os seguintes:

- A doença celíaca, de origem hereditária, que produz uma grave inflamação do intestino com atrofia da mucosa.
- A intolerância ao glutén, mais corretamente conhecida como “sensibilidade não celíaca ao glutén”, cujos sintomas são parecidos com os da doença celíaca (diarreia intermitente, dor abdominal, anemia, entre outros), mas que não é acompanhada por lesões importantes na mucosa intestinal.

Em ambos os casos, o suco ANTI-INFLAMATÓRIO INTESTINAL é muito benéfico, tanto para crianças quanto para adultos.

Ingredientes: (para duas porções de 250 ml)

- 1 maçã média (cerca de 160 g)
- 1 abobrinha média (cerca de 196)
- 1 xícara de leite de arroz (cerca de 240 ml)
- 2 colheres (sopa) de suco de limão (30 ml)
- 2 colheres (sopa) de melado (cerca de 40g), ou açúcar mascavo

Preparo:

- Preparar o leite de arroz, depois passar a maçã e a abobrinha pelo multiprocessador. Por fim, misturar o limão e o melado com o suco obtido.

CÂNCER DE CÓLON

O câncer mais frequente do sistema digestivo em países desenvolvidos pode ser causado, tanto quanto prevenido, com o uso ou não de determinados alimentos.

PROTETOR INTESTINAL

Tem sido comprovado que o maior consumo de maçãs diminui o risco de câncer de cólon. Provavelmente sejam os polifenóis e a pectina (um tipo de fibra solúvel) os componentes da maçã mais ativos contra o câncer de cólon. Ambas as substâncias protetoras são encontradas no suco natural de

maçã, aquele que é apresentado com aparência turva (e não tanto no suco claro industrializado).

O espinafre é um dos alimentos mais ricos em luteína, particularmente um carotenoide protetor contra esse tipo de câncer.

O brócolis, além de seu efeito protetor já bem demonstrado contra o câncer de mama, também previne o câncer de cólon.

Esses três eficazes protetores contra o câncer de cólon (a maçã, o espinafre e o brócolis) se combinam com o farelo de aveia (rico em fibras solúveis), resultando em uma bebida deliciosa e nutritiva, o suco PROTETOR INTESTINAL.

Ingredientes: (para uma porção de 250 ml)

- Duas maçãs médias (cerca de 360 g)
- Duas xícaras de espinafre (cerca de 60g)
- Um talo de brócolis (cerca de 100g)
- Duas colheres (sopa) de farelo de aveia ou farelo de trigo (cerca de 12g)

Preparo:

- Passar as maçãs, o espinafre e o brócolis pelo multiprocessador. Adicionar o farelo de aveia ao suco obtido e mexer até que tudo fique dissolvido. Não é necessário adoçar esse suco; mas, se desejar, usar açúcar mascavo orgânico.

Fonte: PAMPLONA, Jorge. O Poder Medicinal dos sucos e shakes – bebidas saudáveis para fortalecer seu corpo. Tradução Wilson F. Almeida. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 130 – 135.





Filosofia em Comum

O outro é quem me leva a pensar ao negar meu lugar, ao duvidar do que sou, ao me colocar referido a mim mesmo. O que ele consegue simplesmente ao ser ele mesmo, ao refletir minha ignorância ou meu saber, por estar do outro lado mostrando-me o que não sou, o que não sei, que sou eu ao não ser ele, que não sou nada sem ele.

Por isso, a metáfora que melhor expõe o que possa ser um filosofia em comum é a do laço, em que uma parte e outra se “atam”, se “em-laçam”. Brinquemos com estas possibilidades da língua portuguesa, pois é urgente hoje usarmos o espaço da língua que dispomos e assim descobrir vestes para algo que possamos tratar como filosofia. Assim faremos crescer

nossa língua, nossa cultura e nosso pensamento.

[...] todo texto, toda obra, tem um autor. Isto significa que as experiências e as vivências daquele que escreve definem seu texto como aquilo que não podia deixar de lhe ser próprio, mas que precisa, ao mesmo tempo, ser partilhado. A autoria é um momento essencial da partilha. Ela mesma é partilhada e, por isso, revista em sua significação mais profunda.

[...] toda leitura é questionamento e abertura de voz. O que é lido torna-se um modo de posicionar o que está escrito. Este torna-se realmente vivo no momento em que deixa de ser mera impressão na página em branco, em que deixa de simplesmente enfeitar a estante.

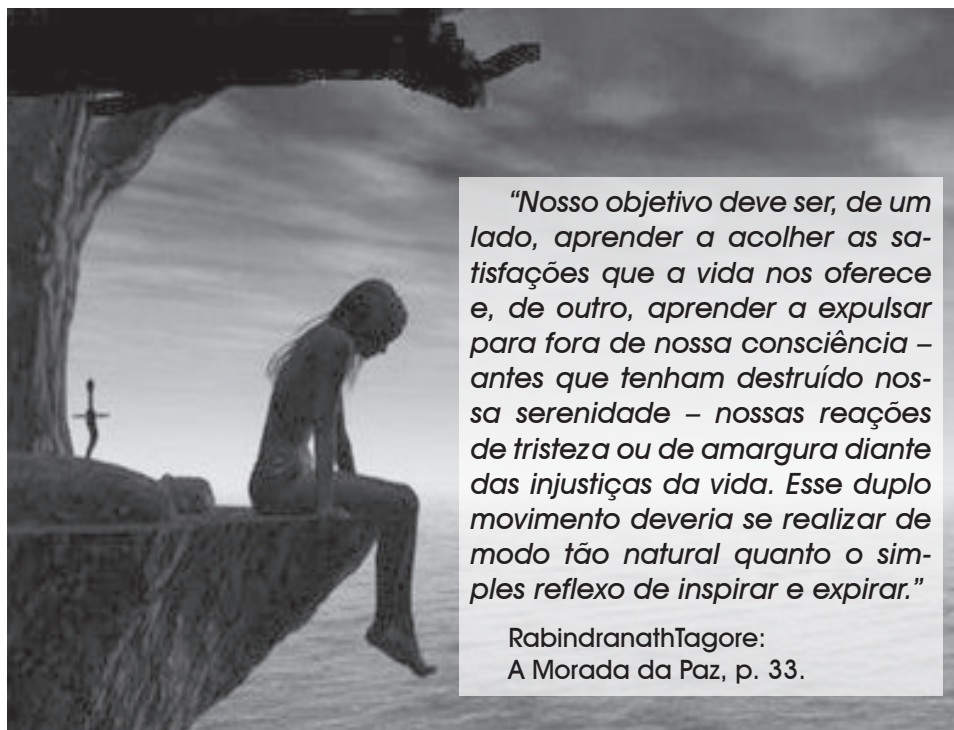
[...] A filosofia é fala elaborada – ela é, na prática, voz iminente e plena de poder de ação – que evita as perspectivas e opiniões petrificadas e estanques umas das outras e, ao mesmo tempo, exige a qualificação da opinião, do discurso, do argumento.

[...] Temos a obrigação de sermos honestos com este fato de que cada um de nós expõe o que lhe ocorreu em termos de pensamento. Mas não podemos deixar de lado a

interação que toda ideia provoca (como consenso ou dissenso). São, portanto, perspectivas diversas que entram em jogo no diálogo a que chamamos filosofia. O particular, a visão de cada um é fundamental, em qualquer caso, e não há pensamento que surja simplesmente na solidão."

*Fonte: TIBURI, Márcia.
Filosofia em Comum. Para
Ler-junto. 2ª.ed. Rio de
Janeiro / São Paulo: Editora
Record, 2008, p. 23 – 27.*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



"Nosso objetivo deve ser, de um lado, aprender a acolher as satisfações que a vida nos oferece e, de outro, aprender a expulsar para fora de nossa consciência – antes que tenham destruído nossa serenidade – nossas reações de tristeza ou de amargura diante das injustiças da vida. Esse duplo movimento deveria se realizar de modo tão natural quanto o simples reflexo de inspirar e expirar."

Rabindranath Tagore:
A Morada da Paz, p. 33.



"Sou forte e flexível, estou aberto às mudanças." Você está em casa, e de repente ouve um gotejamento de água. Imediatamente busca o local e não identifica, fica intrigado, pois continua escutando. Passado um tempo, você percebe uma pequena mancha na parede, toca e sente a umidade. Aí vem um questionamento: o que fazer?

Deve ser bobagem, você busca chegar à origem do gotejamento para resolver. Utilizando alguns instrumentos caseiros começa a escavar a local e, à certa altura, percebe que embora a mancha tenha se apresentado naquele local, o vazamento vem de um outro (e tu não tem a planta hidráulica da casa, não se atreve a este detalhe no período da construção).

Para resolver a questão, você busca ajuda de um profissional, que tendo ferramentas adequadas e conhecimento em construção civil e hidráulica se propõe a ajudá

-lo. Foi uma junção entre dois canos que se rompeu. Feito o devido reparo, acabou-se o gotejamento, mesmo tendo que derrubar uma parte da parede, refazer a tubulação e projeto hidráulico solucionando a questão.

Este não era o momento adequado para se fazer este tipo de serviço, estamos no inverno, não havia dinheiro disponível, gerou desconforto, acabou consumindo tempo e energia... mas, se não fizesse poderia trazer danos maiores. Você foi exigido por uma demanda, que precisava ser resolvida aqui e agora, você não mediu esforços, você fez o que tinha que ser feito.

E quando algo acontece com a sua vida, e quando você reconhece "o gotejamento" dando indicativos em seu corpo – mente – sentimentos e emoções (equilíbrio) de que algo não vai bem, o que você faz? Você busca uma forma de olhar para "o gotejamento" ou o ignora? Você tem os recursos necessários para en-

frentar o “gotejamento” ou vai fazer o que precisa ser feito para resolvê-lo?

Por que não medimos esforços para resolver problemas / questões materiais? Por que relutamos em investir o necessário para enfrentar o “gotejamento” para sermos mais assertivos e ter mais resultados?

Convido você a fazer esta reflexão no dia de hoje, no tempo em que vivemos, e que sejamos capazes de fazer as

melhores escolhas para nossa vida, sabendo que estas geram consequências, e que o tempo (kronos) não para, e que o seu tempo (kayros) pode ser vivido aqui e agora.

Difícil não é mudar, difícil é resistir à mudança, essencialmente quando ela é necessária.

Forte e fraterno abraço coachee, e Muita paz! Sigamos juntos.

Rubens Carvalho

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação; no fundo, o nosso sonho.”

Paulo Freire (1921 - 1997)



Amazonizar¹ as famílias

Antônio Carlos, Tânia Solange e Airtton
Secretariado de Formação do Condir Sudeste

Esse texto é uma oportunidade de rediscutir as noções que o próprio título proposto nos liga a alguns documentos elaborados por nosso Papa Francisco, em especial a Encíclica “Laudato Si” e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Amoris Laetitia”.

Tanto a Amazônia como a Família são dois temas que já foram muito debatidos. No entanto, cada um desses assuntos ainda traz provocações constantes. E, num desenrolar crítico, o que pretendemos é fazer um pouco o caminho contrário ao da lógica de uma cultura de pensamento que nega o outro e, portanto, desvaloriza esses dois conceitos.

Ao lermos a “Laudato Si”, essa encíclica nos apresenta uma realidade cruel da qual estamos distantes de rever-

tê-la. Mas, ao mesmo tempo nos aponta caminhos possíveis para continuarmos a caminhar com esperança. Esse documento expõe um dos maiores problemas com o qual nos defrontamos: a ideia de uma colonização como a que sofremos no século XVI. Isso devido ao fato de estarmos a destruir tudo em nome do progresso e da economia. Ou seja, uma mentalidade de se apropriar de tudo que existe de valor ignorando a quem pertence e subordinando o outro à vontade de um progresso destruidor.

Nesse sentido convidamos as equipes base do nosso MFC e toda sua teia a VER- JULGAR- AGIR sobre as questões que agora colocamos: quais as relações sociais que estamos desenvolvendo em nossa formação familiar para não mais

1 Esse não é um termo inventado por nós. A Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação realizará no segundo semestre de 2021 sua 40ª Reunião Nacional, como tema “Educação como Prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o Mundo!”. E os professores das diferentes universidades direcionam suas pesquisas na discussão de “Amazonizar a Educação”. Ficamos pensando por que não Amazonizarmos as famílias?

desenvolvermos a dominação entranhada em nossa cultura? Quais as relações comunitárias, mediante à nossa missão de um MFC libertador à luz do Evangelho de Jesus Cristo?

Como nos diz Aristóteles, devemos ter a capacidade de se admirar diante das coisas mais óbvias e banais. Somando ao que também nos disse Paulo Freire (1978), a experiência nos ensina que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece. Aqui o que está em jogo é estarmos atentos e vigilantes de nós mesmos e de tudo que acontece de óbvio em nosso cotidiano. Afinal, muitos temas e situações vividas atualmente sobre tantas coisas podem nos impedir de sermos famílias formadoras de cidadãos do mundo na pedagogia de Jesus Cristo.

Antes de qualquer consideração, é necessário ressaltar que as nossas relações são entendidas como uma noção necessária de completude com e em direção a uma outra coisa ou pessoa. As práticas de nossas relações necessitam ir em direção ao outro para serem consideradas verdadeiramente relações. Constrói saberes que antes dessa relação de complemento à sua vontade era apenas uma vida apenas de convivência com o outro ou com alguma coisa. E, esse OUTRO é, sobretudo, tudo que existe de humano e em nossa

irmã/mãe Terra. Esse caminhar em direção ao outro se não é um caminho de encontro com a alegria e respeito, independente do que trazem, pode não ser considerado de fato um encontro relacional.

Aqui, cabe uma outra questão: Como andam nossas relações em nossas equipes base e na teia do nosso querido MFC?

Vamos tentar explicar para melhor compreender: nesse nosso contexto de Brasil, pensávamos já ter superado as discussões de dualidades entre dominação e libertação. Também no MFC pensávamos que as discussões de conflitos raciais, gênero, sexo, diferença regionais e religiosas, discriminação de todo o tipo e forma, as sociais e tantos outros temas já haviam sido eliminados de nossas discussões nas equipes base. No entanto, quando observamos que o Papa Francisco nos convoca a pensar, na Fratelli Tutti, o que escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para:

(...) Ihes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, "o seu irmão, tanto quando está longe, como quando

está junto de si".² Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.

Nesse conselho entende-se que o "ponto da terra" significa além do espaço-tempo³. Se trata além do físico. Ou seja, tudo que envolve o "ser" de cada um a partir da formação e cultura recebidas⁴ em qualquer tempo-espaço. Parece ser exatamente por reconhecer essa complexidade que chamamos a atenção para a relação do eu com o outro. Assim, também ao ler a "Laudato Si" consideramos que a reintegração do eu com o outro trata-se do que chamaremos de "amazonizar".

QUE SERIA ENTÃO "AMAZONIZAR"?

Se a cultura do consumismo está destruindo nosso ambiente, se a ganância nos faz ver cenas como assistimos nas mídias e nas redes sociais dos Índios violentados em seu próprio território; de tribos inteiras passando fome; de índios lutando por seus direitos e preservação de suas terras e sendo recebidos de maneira hostil nos gramados do Planalto; se as imagens das queimadas e suas consequências nos fizeram/fazem chorar; se as águas estão a cada dia mais privatizadas e escassas; se os garimpos clandestinos ameaçando a vida com a contaminação; e se as matas estão se tornando pastos e plantações de soja em nossa própria Amazônia; se naturalizamos a morte de tantas pessoas; se consideramos

2 FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

3 Não é por acaso nem erro que escrevemos junto essas duas palavras, mas seguindo a pesquisadora e educadora Nilda Alves que sempre escreve essas duas palavras dessa forma porque considera que o tempo não se separa do espaço que vivemos.

4 "219. Todavia, para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias: «As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições». [154] A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária".

importante a cultura do “olho por olho e dente por dente” e, também, se isso constitui a existência de nossas relações, podemos inferir que não há relação alguma entre o eu e o outro do planeta. Que essas situações e relações não tem nada em comum com o Evangelho de Jesus Cristo.

Esse distanciamento de uma formação entre toda espécie de vida no planeta nos provoca a forjar uma formação das famílias para a não dominação. E a família como prática de liberdade emerge conhecer o verdadeiro sentido de sua missão no mundo. Isso para sermos uma família e uma comunidade como o 20º Ena nos indica para “todos sermos um” e ratificado com a proposta do 21º ENA de imaginar “um planeta como um só rincão onde todos se encontrassem pra falar de paz”. Logo, se não desconstruirmos essa cultura colonial de dominação instalada no nosso próprio eu e na relação com os outros existentes jamais se poderá falar em uma relação de grupo ou comunidade.

Assim, algumas vezes o que existe é como se fosse um trilho ao lado do outro, sem ninguém ter “nada a ver” com o caminho do outro. Essas relações necessitam serem revistas em nosso cotidiano. Seja nas relações entre as pessoas, entre os diferentes

movimentos em favor da vida, seja nos diferentes momentos aos quais nos propomos a participar, seja no entrelaçar dos diferentes fios dos diversos tipos de vida no planeta representando o Deus de Amor.

Em certas equipes base de nosso MFC está claro que as relações também podem as vezes estar baseadas apenas em um aspecto particular, como o fato de ser católico, ser jovem, ser ativo nas Igrejas etc. Em outros casos, as relações podem ser fortemente intensas de forma que se uma pessoa, ação ou legislação mexe com um dos membros da equipe, todos os outros se sentem atingidos e tomam as dores do participante da equipe. Um verdadeiro ecossistema comunicativo! Assim, todos os membros somos um. Uma verdadeira rede de relações comprometidas com o outro. De uma ética relacional que encontra portas de saída que vai além do estar junto em comunicação e amizade, mas numa união de identidades solidárias fraternas e justas.

No entanto, isso lembra que também não estamos imunes a tentação de uma relação de dominar tudo e a todos. Muito menos somos um movimento único e divergimos em tantas formas de SER MFC. Isso pode ser bom ou ruim dependendo do rumo da diferença que tomamos entre poder e domina-

ção dentro de nosso SER, sua Vida e sua Ação.

Em “Amores Laetitia”, se fala dessa nossa preocupação:³⁸ . Devemos dar graças pela maioria das pessoas valorizar as relações familiares que querem permanecer no tempo e garantem o respeito pelo outro. (...)

Mas qual a relação entre valorizar as relações familiares e amazonizar?

Consideramos importante esclarecer sobre o que entendemos sobre “poder” e “dominar”. cremos que o “Poder” como ser capaz de. Nesse sentido, qualquer pessoa tem poder poque são capazes de fazer algo. Isso nos parece bom! Já quando nos referimos a “dominação” significa que alguém quer se apropriar da capacidade (poder) do outro. Ou seja, é uma relação que considera o outro “menor” ou quer ter indevidamente aquilo que o outro tem de melhor. Isso não parece bom e foi a lógica de uma cultura dominante em tantos séculos e impérios.

Mas, será que em nossas práticas com as famílias realmente não usamos a dominação?

O desejo de uma dominação de âmagos colonialista que considera que “eu posso

tudo”, “de que eu tenho a verdade”, “de que meu modo de ser é civilizado”, “eu mando aqui” e tantas outras expressões tão corriqueiras nos diálogos familiares, que de uma forma egoísta pode imperar nossas ações, parece ser o nosso grande desafio. A velha máxima de “Farinha pouca, meu pirão primeiro.” Uma outra forma de demonstrar essa cultura de dominação é alegar e considerar o seu modo de pensar e servir a Deus como sendo o melhor. Afirmações essas que não são nada humildes e até perversas que ainda permanecem necessitam de serem superadas.

Aqui recorremos ao que o Papa Francisco que nos alertou na Carta Encíclica “Laudato Si”:

Sair das relações de uma ecologia individual para uma ecologia comunitária. Ou seja, um cuidado político-social do nosso ecossistema nos levará a cuidarmos também uns dos outros. Porque sozinhos não chegaremos a lugar algum. E a cooperação e união de forças requer o que Enrique Leff (2006)⁵ chama de outricidade ambiental.

Mais uma vez lembramos da “Laudato Si” quando falamos de outricidade ambiental:

5 LEFF, Enrique. Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza. Tradução Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

“O cuidado dos ecossistemas requer uma perspectiva que se estenda para além do imediato, porque, quando se busca apenas um ganho econômico rápido e fácil, já ninguém se importa realmente com a sua preservação. Mas o custo dos danos provocados pela negligência egoísta é muitíssimo maior do que o benefício econômico que se possa obter. No caso da perda ou dano grave de algumas espécies, fala-se de valores que excedem todo e qualquer cálculo. Por isso, podemos ser testemunhas mudas de gravíssimas desigualdades, quando se pretende obter benefícios significativos, fazendo pagar ao resto da humanidade, presente e futura, os altíssimos custos da degradação ambiental”.

Nesse sentido os seres humanos estão inclusos nessa perspectiva da “*Laudato Si*” e sentimos concretamente as consequências em todos os aspectos da vida de uma “Casa Comum” evidenciada pelo Papa Francisco. E nesse caso podemos incluir a importância de uma família preocupada em preservar essas relações como a seguinte pedra de toque:

124. Em qualquer abordagem de ecologia integral que não exclua o ser humano, é indispensável incluir o valor do trabalho, tão sabiamente desenvolvido por São João

Paulo II na sua encíclica *Laborem Excercens*. Recordemos que, segundo a narração bíblica da criação, Deus colocou o ser humano no jardim recém-criado (cf. Gn 2, 15), não só para cuidar do existente (guardar), mas também para trabalhar nele a fim de que produzisse frutos (cultivar)

Amazonizar, então, seria de fato um verbo que nos provoca a que:208. Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia(...)

Qual é o lugar do MFC em Amazonizar as famílias?

Novamente somos desafiados a refletirmos sobre nossas relações familiares, nas equipes base e em toda a teia do MFC a partir do Amores Laetitia ao observamos o caminho a ser tomado lutar contra a dominação econômica em nosso cotidiano interno e externo:

30. Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia-a-dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes, experiência que ain-

da hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados e inermes. Como os Magos, as famílias são convidadas a contemplar o Menino com sua Mãe, a prostrar-se e adorá-Lo (cf. Mt 2, 11). Como Maria, são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2, 19.51). No tesouro do coração de Maria, estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que Ela guarda sollicitamente. Por isso pode ajudar-nos a interpretá-los de modo a reconhecer a mensagem de Deus na história familiar.

Batalhar contra a dominação cultural que se cristalizou que nos impede de compreender o racismo estrutural, o patriarcalismo também estrutural, o institucionalismo que nos faz valorizar mais umas instituições em detrimento de outras, o profissional, e tantas outros tipos de dominação que se cristalizam pela educação a qual fomos submetidos no interior das famílias e fora dela. Assim, novamente o Papa Francisco nos convoca e provoca a refletirmos sobre nossa autodestruição a partir dessa dominação:

207. (...)Por isso, atrevo-me a propor de novo aquele considerável desafio: «Como

nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início (...). Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida». [148]

Essa é uma visão que, como já registramos em outros textos e já lemos em vários autores e, em especial nos Evangelhos, a Justiça é a chegada eminente do reino de Deus. Um Reino que vai se realizando a partir da prática do amor concreto entre os seres humanos e todo o ecossistema como seres transformadores.

Desse modo, parece-nos fundamental nos aventurarmos a Amazonizar constantemente as famílias e toda a comunidade do nosso MFC. Não só preocupados em unir as famílias e nos chamarmos pelo nome, mas ...

(...) juntos buscarmos caminhos de libertação, quero [Papa Francisco] mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis. Se pelo simples facto de ser humanas, as

peçoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, «os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé».[36] Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções. (64)

Com olhar compreensivo amoroso que respeita e acolhe a outra pessoa porque a fé nos salvou de não olharmos e nos relacionamos com a nossa irmã/mãe Terra que inclui a todos de forma dominadora. Com o desejo de, como membros de uma instituição laica, fraterna e de utilidade pública, atender a Igreja que já se manifesta em favor de todos.

88. Os bispos do Brasil sublinharam que toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele(...)

Finalmente, é indispensável que cuidemos de nossas escolas governamentais em favor da vida. Afinal, modificar as políticas relativas às alterações legais da terra indígena, dos trabalhadores rurais e à proteção ambiental todas as vezes que muda um governo desve-

lam situações de incapacidade de mudança ou intervenção de preservação. Que nos aliemos aos movimentos da CNBB para que tenhamos os resultados da nossa dívida histórica com toda a população desassistida. Sabemos que tudo isso requer muito tempo e os efeitos imediatos algumas vezes nem poderemos ver. Por isso, um movimento de amazonizar famílias requer a beleza, a paciência, a perseverança, a chuva e o sol diário, o cantar e dançar das árvores, a invisibilidade dos ventos a forma visível e não aparente poderosa dos seres habitantes da floresta na pressão da população e das instituições, de forma a concretizar sempre a intervir.

Logo, também como anúncio o Papa Francisco, aqui está o que consideramos relações não dominadoras para no aqui e agora amazonizar as famílias:

213. Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida. Mas, quero salientar a importância central da família, porque «é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de

um crescimento humano autêntico. Contra a denominação da cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida». [149] Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer «obrigado» como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia.

143. A solução não é uma abertura que renuncie ao próprio tesouro. Tal como não há diálogo com o outro sem identidade pessoal, assim também não há abertura entre povos senão a partir do amor à terra, ao povo, aos próprios traços culturais. Não me encontro com o outro, se não possuo um substrato onde estou firme e enraizado, pois é a partir dele que posso acolher

o dom do outro e oferecer-lhe algo de autêntico. Só posso acolher quem é diferente e perceber a sua contribuição original, se estiver firmemente ancorado ao meu povo com a sua cultura (...)

Os direitos de cada um preservados por todos habita radicalmente uma ação profética do nosso movimento familiar cristão aliado ao que a Igreja do Brasil, através da CNBB, de fato harmoniza ao lutar pelo bem maior contra toda e qualquer violência, conflito e destruição do outro. Uma ecologia amorosa sem ilusões ingênuas e uma ação cotidianamente vigiada para valorizar o outro. Amazonizar as famílias, então, é realizar o que Jesus nos deixou como o maior mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. (João 15:12). E aqui, está incluído TODAS as relações que envolvem o caminhar em direção aos Outros da Terra. Com esse mandamento não há lugar para dominação, não existe possibilidade de relações que desvalorizam a Mãe Terra em qualquer espaçotempo do planeta e as famílias em sua diversidade. Acreditamos, portanto que amazonizar as famílias através de relações libertadoras com ações concretas nos parecem uma condição universal na missão do MFC do Brasil.

HOMENAGEM A HANS KÜNG (1928-2021)

Alino Lorenzon

Hans Küng nasceu em 1928 e faleceu no dia 6 de abril de 2021, em sua casa na Alemanha, na idade de 93 anos, devido ao mal de Parkinson, à degeneração macular e à artrite. Na época, o Papa João Paulo II 1979 casou-lhe a “missio canônica”, isto é, o direito de ensinar a Teologia Católica, por causa de suas opiniões julgadas muito avançadas. Mas não conseguiu silenciá-lo. Foi Presidente da Fundação por uma Ética Mundial e Professor emérito de Teologia Ecumênica da Universidade de Tübingen, Alemanha.



É autor de muitas obras importantíssimas, como:

1. Existe Deus?
2. Ser Cristão.
3. Morire felici? Lasciare la vita senza paura. Milano, (Itália), 2015, 162p. (Morrer felizes? Deixar a vida sem medo).
4. Uma ética global para a política e a economia mundiais, Editora Vozes, 1999. 475p.
5. Para que um ethos mundial?
6. Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren. Edições Loyola, 2005, 190p.
7. Freud e a questão da religião. Campinas, SP: Verus Editora, 2006, 152 p.8.
- 8 - O Princípio de todas as coisas: ciências naturais e religião. Editora Vozes, 2007, 288p.
9. Celebração dominical, por que participar?
10. O que deve permanecer na Igreja.
11. Para que o mundo creia.
12. A Igreja tem salvação?
13. Islão.
14. Veracidade e futuro da Igreja.
15. Vida Eterna.
16. Credo: a Profissão de Fé Apostólica.
17. Teologia a caminho: Fundamentação para o Diálogo Ecumênico.
18. Uma Ética Global para a Política e Economia Mundiais.
19. Projeto para uma Ética Mundial.
20. Ética Mundial e Responsabilidades Globais: Duas Declarações.

MINHA AVÓ E SEUS MISTÉRIOS

Minha avó conhece todos os mistérios. Noite dessas, no sobrado em que mora, adornado de azulejos portugueses, quando estávamos a sós na varanda onde ela tricotava, disse que tristeza não é desalento da alma, é duende que ataca ao encontrar aberta a porta de desgostar de si mesmo. O remédio é recolher-se no silêncio e desamarrear um por um os cadarços do egoísmo, até os pés poderem andar na direção do outro.

Falou que sabedoria é pensar com os pés; a cabeça gosta é de sonhar, mas os passos tecem a existência. Quem se cansa de andar abrevia a vida, quem prossegue afasta a morte para o depois. E que as mãos servem para acarinhar, mesmo ao arredondarem em bolinhas a massa do pão de queijo.

Contou que ovo é a coisa mais perfeita que existe, porque guarda a clara que envolve a gema que contém a ave que põe o ovo. E falou que as frutas nascem de costas para o céu para o sol não ressecá-las nem amargar sua doçura. Só melancia nasce rasteira, para não quebrar a espinha da árvore, de tão gorda que é.

Minha avó disse que Deus anda cansado deste mundo, mas não acaba logo com ele porque tem esperança de que o nosso desvario termine antes. E



que vinho é bebida que só deve ser tomada em companhia, nunca sozinho, porque uva não é como laranja, que nasce uma aqui, outra acolá, espaçada no galho, uva é cacho, punhado; por isso beber vinho sem brindar é heresia, tira o poder que a bebida tem de transubstanciar-se e transubstanciar-nos.

Nariguda, faro de perdigueiro, ela revelou que as pessoas se atraem como os animais: pelo cheiro que entra nas narinas e através da pele sem que a mente perceba. Disse que só as aranhas não têm olfato e, por isso, são cheias de pernas, para experimentar todas as direções. Acrescentou que apenas flores têm perfume, gente é só fragrância.

Meu avô não morreu em agosto passado, como todo mundo acredita, assegurou ela. Após o enterro, ele acordou do sono da morte e saiu da tumba por um buraco que

as formigas lhe mostraram. Agora anda disfarçado de vagalume piscando todas as noites para minha avó.

Disse ela que a vida é um rio, um dia desemboca no mar. Então vira mar como se o rio nunca tivesse existido. Assim somos nós na direção do oceano de amor de Deus. Por mais rios que beba, o mar nunca transborda, porque Deus é imutável e anda pelo mundo disfarçado de mendigo. E que o diabo demitiu-se porque Deus não tem mandando ninguém para o inferno.

Falou que vazio é a palavra mais bonita que existe, porque não tem nada, e fome a mais feia, cheia de nossas maldades. Disse que feijão se faz com uma dose de cachaça, e fez-me prometer não deixar sumir a palavra alpendre. E insistiu serem perigosas as ideias regadas de má intenção.

Minha avó observou que livros nos tornam livres, manga serve para camisa e fruta, e outros muitos significados, e que língua que não é da gente pode ser aprendida mas nunca falada, porque falar é não pensar, não sai da cabeça, sai do sentimento, e pensar é recitar, e que um estrangeiro nunca vai entender a diferença entre Pedro bota a calça e Pedro calça a bota.

Ela é cheia de segredos. Contou que peixe se tempera com laranja e rabanete

se come no final da refeição, como fazia Sócrates, para facilitar a digestão. E que os peregrinos buscam as copas das árvores para beber uma dose de sombra. Disse ainda que nada cresce direito se de quando em vez não é podado.

Falou que no início do mundo não havia vento, só aragem. Um dia o ar se sentiu tão sufocado por nossas fumaças que danou a correr. Quando ele se acalma, sopra leve; quando se enfurece, vira furacão. E que as árvores têm medo do vento; às vezes ele fica sem-vergonha e arranca uma por uma de suas folhas, deixando-as nuas.

Minha avó disse que galinha tem asas curtas porque já foi criada para ser alimento, e não para voar; borboleta é uma cor que voa, e cavalo o animal mais imponente. O mais lindo é a cauda do pavão, criada depois que Deus visitou as Arábias.

Minha avó é cheia de mistérios. Contou que todos os dias, ao entardecer, Deus vem namorá-la; chega tímido, com muito dengo, até ela abrir o coração. Então ele entra e faz muita festa. Disse que vive no descuido da idade porque Deus anda doente de paixão por ela, o que a faz viver esquecida de morrer.

Fonte: BETTO, Frei. A arte de semear estrelas. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 119 – 122.



1 – O dia que durou 21 anos. Brasil, 2013.

Direção: Camilo Tavares.

É um documentário brasileiro sobre a participação do governo dos Estados Unidos na preparação, desde 1962, do golpe de estado de 1964, no Brasil.

O filme tem como ponto de partida a crise provocada pela renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, e prossegue até o ano de 1969, com o sequestro do então embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, por grupos armados. Em troca de sua libertação, 15 presos políticos são soltos e posteriormente banidos do país. Um deles, o jornalista Flávio Tavares, 27 meses depois de se radicar na Cidade do México, seria pai de Camilo, o cineasta cujo nome é uma homenagem ao padre católico e guerrilheiro colombiano Camilo Torres, morto em 1966.

O Dia que Durou 21 Anos produzido pela PEQUI FILMES estreou nos cinemas brasileiros em 29 de março de 2013 e teve também uma versão para televisão, exibida anteriormente, dividida em três episódios de 26 minutos cada.



2 – “Who shot the sheriff?”. EUA, 2018.

Direção: Kief Davidson.

O filme trata sobre a tentativa de assassinato sofrida pelo compositor jamaicano Bob Marley, em 1976. Além disso, aborda a estética do reggae como sensibilidade a uma causa social, preconizada por Marley nas letras de suas canções. As tensões políticas na Jamaica também surgem como um dos pontos de confluência entre a música de Bob Marley e sua influência histórica cultural no país do Reggae.



3 – “No estoy Loca”. Chile, 2018.

Direção: Nicolas Lopez.

Retrata a vida de Carolina, ao descobrir que não pode ter filhos, descobre que o seu esposo a está traindo com sua melhor amiga. Ela, com isso, entra em desespero, tenta o suicídio e é encaminhada a uma clínica de recuperação. Neste lugar, ela reinicia uma nova história em sua jornada existencial.



4 – Filhos de Stambul. Turquia, 2020.
Direção: CanUlkey.

A película turca narra a história de um catador de papel, que descobre um menino abandonado nas ruas de Stambul, tendo que lidar com seus traumas de um passado que ele mantinha em silêncio.



5 – Silenciadas. Argentina, Espanha, França, 2020.
Direção: Pablo Aguero.

Em um pequeno vilarejo, no interior da Espanha, um grupo de mulheres será acusado de heresia, por serem vistas em um ritual basco de dança camponesa. A película de Aguero traz à lume temas como conflitos éticos no contexto religioso medieval, repressão sexual, patriarcado, estabelecendo uma relação entre discurso oficial e interesses ocultos alimentados pela exposição de um bode expiatório: tudo que fosse diferente ao padrão oficial religioso era considerado herético, sendo levado a julgamentos abusivos, seguidos, muitas vezes, de torturas e mortes marcadas pela intolerância, ódio e abusos de poder religioso e político.



6 – O Farol das Orcas. Argentina, Espanha, 2016.
Direção: Gerardo Olivares.

Beto (Joaquín Furriel) mora na Argentina e é um homem solitário que trabalha como guarda florestal num Parque Nacional, como biólogo marinho, estudioso do comportamento de baleias orcas. Lola (Maribel Verdú) é espanhola e é mãe de Tristán (Joaquín Rapalini), um menino de onze anos, autista. Depois de ver Beto num documentário, desesperada, Lola vai com o filho para Argentina em busca de ajuda. Um pouco relutante no início, Beto concorda em ajudar Tristán. Os três constroem uma história de profundas mudanças em suas vidas, cada um a seu modo. A temática da sensibilidade ao olhar o diferente em sua inteireza é um dos temas aprofundados pela película.



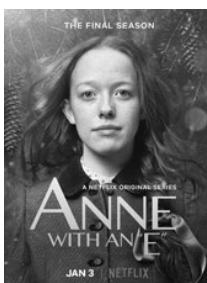
7 – O menino que lia cartas. África do Sul, 2020.
Direção: Sibusiso Khuzwayo.

Um menino vai morar com a sua avó em uma vila na África do Sul, onde começa a ler cartas para os moradores. Nesse espaço de tempo, uma experiência marcante o faz viver uma paixão inesperada.



8 – Radioactive. China, EUA, França, Hungria, Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte. 2019. Direção: Marjane Satrapi.

O filme narra a vida da cientista Marie Curie, uma das maiores cientistas do século XX, que, lutando para se afirmar como uma inovadora pesquisadora, ao lado de Pierre Curie, seu companheiro, descobre dois novos elementos químicos, o rádio e o polônio, que darão impulso às descobertas com a radioatividade e seus múltiplos usos.



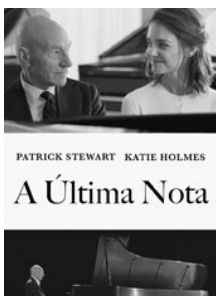
9 – Série Anne com "E" (Netflix, 2017, em três temporadas).

Depois de treze anos sofrendo no sistema de assistência social, a orfã Anne Shirley é mandada para morar com um casal de irmãos. Munida de uma viva imaginação e de seu intelecto, a pequena Anne vai transformar a vida de sua família adotiva e da cidade que lhe abrigou, lutando pela sua aceitação e pelo seu lugar no mundo. São episódios marcados por temas instigantes, como respeito às diferenças, laços familiares, racismo, preconceitos. Uma série maravilhosa, que desperta reflexões profundas com a sensibilidade de um texto instigante e fecundo. Uma obra de arte!



10 – Padre Júlio Lancellotti: fé e rebeldia. Brasil, 2021. Direção e roteiro: Carlos Pronzato.

O Padre Júlio Lancellotti é pároco da igreja São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca, em São Paulo. O documentário retrata a luta diária do Padre Júlio Lancellotti, que caminha há mais de trinta anos junto aos moradores de ruas na cidade de São Paulo. Uma vida dedicada à opção preferencial aos mais vulneráveis da sociedade.



11 – A Última Nota. Canadá, 2020. Direção: Claude Lalonde.

Após o falecimento de sua esposa, o pianista Henry Cole encontra-se em um drama pessoal: a ansiedade em ter que retomar sua brilhante carreira musical, mundialmente reconhecida. Sua retomada é fortalecida pelo encontro com a jornalista Helen Morrison, que, com sua sensibilidade e amorosidade, permite a Henry reescrever uma nova página em sua jornada.

Lições extraídas das vitórias e derrotas no esporte...



Vivemos há poucos dias a realização dos Jogos Olímpicos, uma competição de alcance global que chama atenção pelo nível de competitividade das provas e da torcida de milhares de pessoas espectadoras mundo afora.

O esporte pode nos ensinar muito. Contudo, em sua versão “competição de alto nível” de exigência física e emocional, pode também nos fazer refletir sobre alguns aspectos importantes. Há, sem dúvida, uma cobrança pelos resultados em toda competição. As regras de cada esporte estão condicionadas pela lógica do ganhar e perder. Para alguém ganhar outro precisará perder.

Observamos, além disso, atletas de alto rendimento em pressão por quebras sucessivas de recordes e ganho de medalhas. Isso elevou o nível de stress emocional de muitos atletas, fazendo-os confessar publicamente que o seu emocional estava visivelmente abalado.

Vivemos em uma sociedade de que nos cobra resultados desde muito cedo. Esta lógica é sempre determinada pela meta final: ser um vencedor. Muitas vezes, escutamos o discurso “você será um grande campeão” dentro de casa. Pais se deixam empolgar pelos feitos de superatletas, transmitindo essa mensagem, mesmo sem perceberem que isso pode, mais tarde, afetar decisivamente o emocional da criança e do futuro da pessoa na vida adulta.

O que podemos extrair de lição da prática dos esportes? Primeiro, saber que somos seres humanos, e que, portanto, somos suscetíveis a êxitos e a fracassos na vida. Segundo, de que o propósito da vida não é ganhar derrotando outras pessoas, mas contribuir para que possamos perceber outras prioridades, isto é, começar, aos poucos, a sair da dinâmica estressante da competição e chegar no processo cooperativo. Terceiro, saber o que estamos priorizando na vida: o processo da caminha-

da (a dedicação ao aprimoramento do aperfeiçoar-se interiormente) ou os resultados (produto final) que nos cobramos a cada empreitada em que nos lançamos...

Lembremos do evangelho de Jesus, quando nos diz: "Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância" (João 10, 10). O Mestre de Nazaré está propondo uma inversão radical da lógica do ganha-perde, tão presente nos esportes de competição, para uma lógica do ganha-ganha. Isso somente é possível por meio da partilha. Quando partilharmos, todos saem ganhando.

Por isso, a chegada do reino de Deus é também o início de uma atitude inovadora na face da Terra. Não haverá mais risos vendo outros chorarem. Não haverá mais alegria vendo outros tristes. Todos sorrirão, porque haverá o suficiente para que todos se alegrem...

Contudo, há possibilidades de extrair ensinamentos, tomando o esporte sob o ponto de vista de uma prática que nos conduz a um melhor condicionamento físico, emocional e social. O esporte pode ser veículo de qualidade de vida elevada, equilíbrio emocional e de inclusão social. Ele pode oportunizar mudanças preciosas na vida de milhares

de crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos...

A prática do esporte não está restrita a limitações de sexo, de idade, de etnia. Com uma boa orientação e com disciplina e prazer, podemos fazer do esporte algo muito mais do que a busca por uma medalha num pódio olímpico. Não queremos desconsiderar o esforço de atletas, técnicos, equipe médica, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos que se preparam e renunciam a muitas coisas de suas vidas pessoais, para alcançar uma vaga numa Olimpíada e chegar a disputar uma medalha. Em absoluto. O que estamos refletindo aqui vai mais no sentido de nos fazer desligar um pouco da tensão emocional por resultados favoráveis, tão difíceis na vida de uma atleta, e focar nosso olhar nas preciosas lições que podemos extrair da prática esportiva.

Muito mais importante que formar campeões é dar oportunidades a crianças e jovens de conhecerem o mundo do esporte como fator de cidadania, de valores éticos, de respeito à vida e de cooperação com o cuidado com o nosso planeta, na construção de um mundo melhor para quem nele habita...

Muito mais importante que ganhar uma medalha é saber que você contribuiu para

a melhoria da qualidade de vida de uma criança nascida em condições sociais desfavoráveis e que viu no esporte um meio possível de reverter uma situação de grave exclusão social, econômica e cultural, podendo superar barreiras que, sem o esporte e a educação, seria quase impossível romper com tais determinantes sociais.

Que as derrotas e vitórias que observamos na passagem dos atletas pelas provas no esporte possam nos fazer pensar no que é de fato o mais importante na vida. Que haja um olhar sensível para fazer uma leitura humanizada, que vá se distanciando, aos poucos, da pressão por resultados (no caso do esporte olímpico, a conquista de uma medalha), aproximando de nós a importância do processo como fator de crescimento pessoal e coletivo. Sabemos que somos cobrados, na sociedade dos resultados, pelo sucesso a todo custo. Isso vem nos adoecendo e nos colocando no patamar de ganhar sempre...

Entretanto, a mensagem da Boa Nova anunciada por Jesus não constitui uma competição para conquista de medalhas. O reino de Deus é uma experiência de partilha, não uma conquista em que para um ganhar outro, necessariamente, terá que perder...

A vida anunciada pela mensagem do Amor é concretizada na cooperação, não na competição.

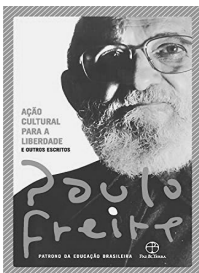
Que possamos refletir sobre que lições podemos extrair ao nos depararmos com os resultados advindos de nosso dia a dia, quando submetidos à lógica do sucesso, onde um ganha e o outro perde, pois na competição não haverá pódio para todos os competidores...

Definitivamente, essa não é a grande lição do esporte.

Que a inspiradora mensagem da cooperação amorosa de Jesus de Nazaré com todos os seres viventes nos encoraje para enfrentar os desafios do dia a dia, não como atletas em busca de medalhas, mas como seres humanos de carne e osso que estão treinando, diariamente, para ser pessoas melhores, mais solidárias, justas e capazes de cooperar uns com os outros na construção de um outro mundo, onde todos ganham, porque o ganho que surge da partilha é distribuído para que nada falte a nenhum dos participantes do plantio da vida...

Jorge Leão, Professor de Filosofia do Instituto Federal do Maranhão, campus São Luís Monte Castelo, e membro do Movimento Familiar Cristão.

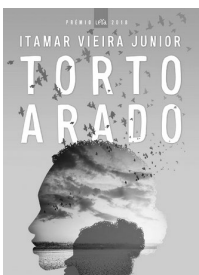
SUGESTÕES DE LEITURA



1 – FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos.** 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Neste livro, Paulo Freire reúne uma série de textos escritos entre 1968 e 1974, destacando temas já trabalhados em obras como *Extensão ou Comunicação* (publicado no Brasil em 1970), *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*. Reflexões que acompanham a intenção do autor em pontuar a relação entre pedagogia crítica e movimento emancipatório dos oprimidos, tendo a educação como ação cultural que conduz à libertação.

Para isso, o autor seleciona alguns temas importantes: Considerações em torno do ato de estudar; a alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua, compreensão de sua visão crítica; os camponeses e seus textos de leitura; ação cultural e reforma agrária; o papel do trabalhador social no processo de mudança; ação cultural para a libertação; o processo de alfabetização política; algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas; o papel educativo das Igrejas na América Latina.



2 – JÚNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado.** 1ª. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

Narra a história de duas irmãs, Belonísia e Bibiana, filhas de Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau, na fazenda de Água Negra, registram o resgate de sua ancestralidade e da resistência do povo negro quilombola para manter de pé o direito à terra, aos seus ritos e ao grito de vida que ressoa pelos laços familiares tecidos em meio à violência racial, ao patriarcado e às relações de poder num país forjado através dessas mazelas históricas. Um livro

magistral, com o talento inventivo e a crítica social de um dos nomes mais importantes da atual geração de escritores brasileiros.



3 – FROMM, Eric. **Ter ou Ser?** 4ª. ed. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

Eric Fromm é um dos grandes pensadores oriundos da Escola de Frankfurt, que neste livro apresenta uma análise de um dilema que se aprofunda com a consolidação da sociedade capitalista. Segundo ele, “as pessoas são hoje atraídas pelo que é automático, pela máquina poderosa, pelo que é inerte, e pela destruição sempre crescente” (p. 29). Por isso a necessidade de se apontar em que sentido a sociedade atual precisa resgatar a relação do ser como

prioridade, uma vez que se encontra dominada pelos valores econômicos e de satisfação de necessidades vinculadas ao acúmulo de bens materiais.



5 - MUNDURUKU, Daniel. O Sinal do Pajé. São Paulo: Peirópolis, 2003.

“Na juventude, a gente passa por mudanças físicas e emocionais que, muitas vezes, enchem nosso coração de aflições. É assim nos quatro cantos do planeta. Nas aldeias indígenas brasileiras, é costume que os curumins, garotos prestes a entrar na fase adulta, sejam introduzidos à “casa dos homens” por um rito de passagem que inaugura essa nova etapa. Nessa época da vida, os jovens que vivem nas aldeias passam pelas mesmas aflições que qualquer jovem da cidade. Perguntam-se sobre que futuro os aguarda e o que a liberdade lhes reserva. O pajé e os velhos dizem-lhes que é preciso continuar acreditando na tradição, em seus valores e sua cultura. Mas, mesmo assim, eles vivem aqueles conflitos que angustiam as pessoas quando precisam optar entre dois ou mais amores na vida: tradição ou modernidade? Pais ou amigos? Crescer ou permanecer criança?” (comentário dos editores)

Um livro recheado de histórias de imensurável conteúdo simbólico, sob a narrativa única do escritor indígena Daniel Munduruku.



6 – GRÜN, Anselm. No ritmo dos monges - Convivência com o tempo, um bem valioso. Tradução Frederico Stein. 2ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

O monge beneditino alemão Anselm Grün aborda o tempo no contexto da vida monástica, relacionando com os conceitos de oportunidade e contemplação. O livro nos faz embarcar no cotidiano da vida monástica, estreitando suas vivências no ritmo de um tempo que é presença, estado de graça e mergulho na interioridade de cada instante. Segundo o autor, “quem está totalmente presente, mesmo em um só momento, alcança a plenitude do tempo” (p. 16). O tempo é visto não meramente como passagem mecânica, mas como oportunidade de encontro e elevação. “O tempo é um mensageiro de Deus que nos indica aquilo que na nossa vida realmente importa” (p. 18).



7 – SHAKESPEARE, William. Macbeth. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

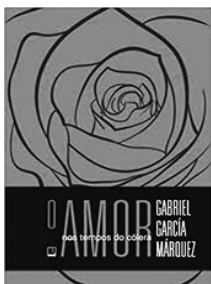
As primeiras representações de Macbeth datam de 1606. Uma das mais conhecidas tragédias shakespearianas, o drama do personagem Macbeth traz à lume o tema pela ambição ao poder. Podemos fazer tudo para chegar ao poder, mesmo abrindo mão de alguns princípios? Reconhecida como texto fundamental do drama trágico humano, Macbeth imortalizou a pena de Shakespeare por sua amplitude em tempos conturbados no cenário político de sua época, e ainda hoje nos fazem mergulhar no centro da dinâmica política no que tange a questões fundamentais no que tange às disputas pelo poder.



8 – TAGORE, Rabindranath. A Morada da paz. Tradução: Ivo Storniolo. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

Neste livro, Tagore (1861 – 1941) expõe com profundidade e poesia suas reflexões sobre a Paz. Um canto de exaltação à vida e ao processo de elevação espiritual, possível por caminhos de amorosidade e compaixão.

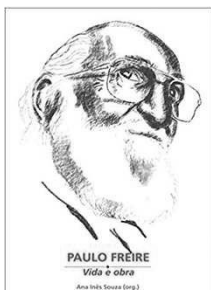
“Os textos apresentados em A Morada da Paz são mensagens de inspiração sobre a fé espiritual e poética que Rabindranath Tagore proferia, em reuniões matinais de oração e meditação, aos estudantes e professores de sua escola em Santiniketan, na região de Bengala. Aqui o sábio indiano aborda temas como a angústia existencial moderna, a comunhão de almas, a virtude e o vício e as dificuldades da existência, entre outros assuntos inspiradores por meio dos quais ele pretende nos ajudar a emergir da consciência não desperta e nascer para o espírito, adentrando a essência cósmica inerente a toda forma de vida. A Morada da Paz é considerado uma das obras-primas de Tagore, em que ele transmite o reflexo de uma experiência interior vasta e profunda, expressa em uma linguagem única, uma prosa rítmica de excepcional pureza e raro poder sugestivo”.



9 – MARQUEZ, Gabriel García. O amor nos tempos do cólera. Tradução de Antonio Callado. 37ª.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2011.

O escritor colombiano Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel de Literatura em 1982, nos deleita com um livro magistral. A tradução de um drama onde o amor é visto em suas nuances existenciais mais profundas. Um convite ao mergulho do universo criativo de um dos grandes nomes da literatura latino-americana.

“Florentino Ariza não deixara de pensar nela um único instante desde que Firmina Daza o rechaçou sem apelação depois de uns amores longos e contrariados, e haviam transcorrido a partir de então cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias”.



10 – SOUZA, Ana Inês (org.). Paulo Freire – vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

“O livro reúne uma série de escritos que retomam os temas mais queridos de Paulo Freire: o diálogo e a partilha na construção de um mundo novo. Longe de ser outro livro de complicadas teorias sobre a educação e sobre um educador, este livro quer ser uma viagem de volta a um companheiro que nos deixou em 1997. Um educador e um amigo vivo e presente em nossas vidas como sempre esteve. Este livro busca em Paulo Freire os instrumentos de ação, de intervenção na realidade. Um livro amoroso para com o povo que busca se libertar do jugo da opressão, da exploração, da exclusão. É uma convocação contra o quietismo e o fatalismo.” (comentário dos editores na orelha do livro).

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ *Frases para reflexão:* ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆



"O ato de ler não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto."

Paulo Freire: "A importância do ato de ler", p. 11 – 12.



"Creio firmemente que, mesmo entre obuses que atiram e canhões que ressoam, permanece a esperança de um radiante amanhecer. Atrevo-me a acreditar que um dia os habitantes da Terra poderão ter três refeições por dia para a vida de seu corpo, educação e cultura para o aprimoramento de seu espírito, igualdade e liberdade para a vida de seu coração.*

**Peça de artilharia*

Martin Luther King Jr.
(1929 – 1968)